



Bárbara de Seixas Mendes

## O JORNALISMO LOCAL E REGIONAL

### O CASO DO FÓRUM COVILHÃ

Relatório de Estágio do Mestrado em Jornalismo e Comunicação, orientado pela Professora Doutora Maria João Rosa Cruz Silveirinha, apresentado ao Departamento de Filosofia, Comunicação e Informação da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

Novembro de 2021

# FACULDADE DE LETRAS

## O JORNALISMO LOCAL REGIONAL O CASO DO FÓRUM COVILHÃ

### Ficha Técnica

Tipo de trabalho	<b>Relatório de Estágio</b>
Título	<b>O jornalismo local e regional</b>
Subtítulo	O caso do Fórum Covilhã
Autor/a	<b>Bárbara de Seixas Mendes</b>
Orientador/a(s)	Maria João Rosa Cruz Silveirinha
Júri	<b>Presidente: Doutor João Manuel Santos de Miranda</b> <b>Vogais:</b> <b>1. Doutor José Carlos Costa dos Santos Camponez</b> <b>2. Doutora Maria João Rosa Cruz Silveirinha</b>
Identificação do Curso	<b>2º Ciclo em Jornalismo e Comunicação</b>
Área científica	<b>Jornalismo e Comunicação</b>
Especialidade/Ramo	Profissional
Data da defesa	<b>30 de novembro de 2021</b>
Classificação do Relatório	<b>14 valores</b>
Classificação do Estágio e Relatório	<b>15 valores</b>

## **RESUMO**

### **O jornalismo local e regional – O Caso do Fórum Covilhã**

O meio jornalístico tem, ao longo do tempo, lidado com diversos problemas e desafios. Se na imprensa nacional se pode notar, na imprensa regional e local esses problemas tornam-se ainda mais marcados. A internet e a globalização trouxeram novas possibilidades, mas grande parte das empresas jornalísticas regionais não conseguiram aproveitar as vantagens que estas tinham para oferecer.

Focando na imprensa local e regional este trabalho pretende identificar o jornalismo de proximidade, mostrar a importância da comunidade na manutenção do mesmo e referir este jornalismo enquanto meio de preservação das tradições, da cultura e da identidade regional, sendo também um ativo no desenvolvimento regional do território onde está inserido.

Abordando os autores que contribuíram para o estudo sobre o jornalismo de proximidade e para o ciberjornalismo, este relatório tenciona apresentar o caso do Fórum Covilhã, um dos meios impressos da região da Beira Interior, ligando os elementos do jornalismo regional a exemplos específicos deste jornal. No Fórum, apesar da presença no digital, é o meio tradicional que continua a ter mais força. O jornal mantém a importância de uma contínua aposta no trabalho criativo e inovador, sem esquecer o jornalismo de proximidade e o contacto direto com os seus leitores.

No primeiro ponto deste relatório é apresentado o Fórum Covilhã, no segundo ponto está o tema principal, o jornalismo local e regional e por último, o papel do online no jornalismo, em específico na imprensa regional.

**Palavras-chave:** Jornalismo Regional; Proximidade; Comunidade; Jornalismo Online; Fórum Covilhã

## ABSTRACT

### Local and regional journalism - The Case of *Fórum Covilhã*

The journalistic medium has, over time, dealt with several problems and challenges. If it can be noticed in the national press, in the regional and local press these problems become even more marked. The internet and globalization have brought new possibilities, but most regional newspaper companies have not been able to take benefit from the advantages they have to offer.

Focusing on the local and regional press, this work aims to identify proximity journalism, show the importance of the community in maintaining it and refer to this journalism as a means of preserving traditions, culture and regional identity, being also an asset in the regional development of the territory in which operates.

Addressing the authors who contributed to the study of proximity journalism and cyberjournalism, this report intends to present the case of *Fórum Covilhã*, one of the print media in the Beira Interior region, linking the elements of regional journalism to specific examples of this newspaper. In the *Fórum Covilhã*, despite the presence in digital, the traditional medium continues to have more strength. The newspaper maintains the importance of a continuous commitment to creative and innovative work, without forgetting proximity journalism and direct contact with its readers.

The first point of this report presents the *Fórum Covilhã*, the second point is the main theme, local and regional journalism, and finally, the role of online in journalism, specifically in the press regional.

**Keywords:** Regional Journalism; Proximity; Community; Online Journalism; *Fórum Covilhã*

# ÍNDICE

Introdução .....	1
I - Contextualização do Estágio Curricular e Entidade Acolhedora .....	3
1.1 A Entidade de Acolhimento .....	3
1.2 Estágio Curricular .....	4
1.3 Atividades realizadas .....	4
1.4 Organização do jornal Fórum Covilhã.....	6
II – A imprensa local e regional.....	7
2.1 Um jornalismo próximo.....	7
2.2 Caracterização dos meios regionais .....	12
2.3 As funções da imprensa regional .....	16
2.4 Problemas e desafios da imprensa regional .....	19
2.5 Critérios de noticiabilidade .....	24
III – O online no jornalismo local e regional.....	31
3.1 O papel do online no jornalismo.....	31
3.2 O online do Jornal Fórum Covilhã .....	35
Conclusão.....	43
BIBLIOGRAFIA/FONTES CONSULTADAS.....	45
Anexos .....	49

## Introdução

O jornalismo tem sido um meio que pretende informar os cidadãos sobre os acontecimentos do dia-a-dia (Gradim, 2000; Sousa, 2002). Cabe ao jornalista tratar as informações que recebe, perceber se estas são fidedignas e transmiti-las aos seus leitores para que estes estejam a par da atualidade da cidade, da região, do país, do mundo onde vivem.

No jornalismo local e regional, o fundamental é também informar. Contudo, importa mais o local, o que se encontra mais próximo, ao contrário do que acontece no jornalismo nacional, que interessa a todo o país, mas onde muitas das vezes o interior é esquecido. Daí, a geografia e o território serem um ponto identificativo do jornalismo local e regional, já que importa a terra e a região onde estão estabelecidos.

Numa era global o jornalismo regional continua a focar o seu trabalho nas regiões onde está implementado e com a comunidade que serve e que o ajuda a manter-se. Esta relação de troca entre o meio e a comunidade demonstra que ambos se entrelaçam. Se o meio informa, os cidadãos estão atualizados por causa dele; se a comunidade ajuda o meio a sustentar-se economicamente, o meio luta para que os problemas dessa população sejam ouvidos. A relação dos meios locais com a comunidade é uma relação de proximidade, uma relação que sobrepõe o local sobre o mundial/global e onde a comunidade é uma, tem uma identidade própria que está intimamente ligada pela cultura, pela história e pela terra.

No meio regional importa a festa da aldeia e o jogo de futebol do clube da terra; importa o problema do vizinho e o buraco na estrada - tudo tem importância. Este carácter de proximidade é, segundo vários autores, um ponto essencial do jornalismo local e regional.

A Lei e alguns autores caracterizaram e identificaram funções da imprensa regional. A Lei portuguesa procedeu a essa caracterização através do Decreto-Lei nº. 106/88 de 31 de março de 1988, no Estatuto da Imprensa Regional e a Lei da Imprensa de 1999. Contudo, a ideia comum de que esta imprensa é "inferior" à nacional continua bem presente na nossa sociedade. No entanto, a imprensa local tem particularidades muito relevantes e, neste trabalho, a partir da própria experiência de estágio, pretende-se pensar as mesmas.

Acima de tudo, na era global, importa dar valor ao local, ao carácter próximo que caracteriza a imprensa regional e ao sentimento de pertença que dela resulta, através da comunidade e da sua identidade. Quem atribui importância informativa às comunidades mais recônditas, tantas vezes esquecidas pelo poder político? Quem dá voz ao cidadão que vive fora das grandes urbes? Indubitavelmente, o próprio jornalismo local e regional.

É este meio que expõe os assuntos destas comunidades esquecidas. A sua importância é socialmente grande e, por isso, é fundamental saber manter um jornalismo próximo que mantenha os cidadãos informados, que não esqueça as especificidades da região e que saiba manter-se imprescindível.

Para além do foco na imprensa regional, na sua caracterização, na identificação de algumas das suas funções, dos seus problemas e desafios e, numa época onde é tão essencial estar constantemente presente na vida dos/das leitores/as e mantê-los atualizados a todo o momento, fala-se ainda neste relatório na importância do online para os jornais regionais que está, assim, dividido em três partes.

Na primeira, é feita uma contextualização do estágio curricular, que decorreu durante a pandemia por Covid-19, entre o dia 25 de janeiro e 28 de maio de 2021, apresenta-se a entidade de acolhimento, o jornal Fórum Covilhã, as atividades realizadas no âmbito do estágio curricular e é apresentada a organização do jornal.

A segunda parte, intitulada “A imprensa regional”, foca o tema maior deste relatório de estágio. Num primeiro ponto, é referida a proximidade do jornalismo regional, caracterizam-se brevemente os meios regionais, descrevem-se algumas das funções desta imprensa, os problemas e desafios que enfrenta e identificam-se alguns critérios noticiosos que contribuem para a prática jornalística regional, procurando pensar esses elementos com exemplos do jornal onde foi realizado o estágio, o jornal Fórum Covilhã.

Na terceira e última parte abordamos o online e o jornalismo regional, fazendo referência aos elementos essenciais do jornalismo online que foram relacionados com o jornalismo online praticado pelo Fórum Covilhã.

# **I - Contextualização do Estágio Curricular e Entidade Acolhedora**

## **1.1 A Entidade de Acolhimento**

Fundado a 29 de novembro de 2011, o jornal Fórum Covilhã teve nessa mesma data a sua primeira edição apresentada na Biblioteca Municipal da Covilhã, com 16 páginas, sendo, nessa altura, impresso na cidade da Covilhã. Atualmente é impresso em Lisboa.

O projeto, criado por Vítor Aleixo, diretor do jornal, e Ricardo Tavares, chefe de redação, constituiu, em 2011, o início no mundo do jornalismo de dois jovens licenciados pela Universidade da Beira Interior.

Vítor Aleixo refere, no seu relatório de estágio, que o projeto do Fórum Covilhã nasceu com vários objetivos. Primeiramente, “satisfazer a necessidade de emprego”, combatendo o desemprego e na vontade dos dois fundadores de “dar algo à cidade que os formou”, a Covilhã. Nesse sentido, o principal propósito centrou-se no contacto com a população e na necessidade de criar “uma relação de proximidade, onde a verdade e a isenção assumissem o papel principal”, sempre aliado à paixão de ambos pelo jornalismo (Aleixo, 2013, p. 13-16).

Numa época de crise, 2011-2012, e numa região onde o jornalismo regional tem uma presença bastante significativa, como é o caso do Jornal do Fundão, o jornal Fórum conseguiu implantar-se nas bancas da região e entrar na casa dos covilhanenses e restantes habitantes das cidades e vilas vizinhas.

No seu relatório, Vítor Aleixo mostra os números do primeiro ano de existência do jornal, 2012, onde se vê que as vendas foram constantes. Se em janeiro o número de exemplares vendidos foi de 3 mil 342, em dezembro o número já se situava nos 7 mil 718, sendo que nos 12 meses desse ano foram comprados em média seis/sete mil jornais mensais (Aleixo, 2013, p. 17-18). Numa região bastante marcada pelo despovoamento, os números do primeiro ano do semanário mostraram, segundo o autor, que a população da Beira Interior se interessa pelo jornalismo local e pelas notícias que dizem respeito à sua cidade, aos seus conterrâneos e à sua cultura. Assim, como referido por Assis & Rangel (2006), grande parte das pessoas estão “interessadas em saber factos que acontecem na sua cidade ou região. As notícias do mundo estão em segundo plano, pois estas não têm forte influência (impacto) sobre o quotidiano das pessoas” (Assis & Rangel, 2006, p. 3-4). As notícias da comunidade onde estamos inseridos serão sempre mais interessantes, pelo menos para uma parte dos cidadãos, do que as notícias “de fora”. Vemos aqui, desde logo, a proximidade enquanto valor noticioso e a geografia e a cultura de uma comunidade como fatores essenciais no trabalho jornalístico.

No que ao online diz respeito, o jornal tem o seu website e uma página de Facebook onde são colocadas algumas notícias. Algumas saem na edição semanal do jornal e outras vão atualizando os/as seguidores/as sobre o que se passa na região ao longo da semana, mesmo que depois não tenham espaço no semanário impresso. Essas notícias são mais sucintas que as apresentadas na edição impressa, mas são atualizadas diariamente para que os/as leitores/as não percam nada do que se passa nas suas localidades.

Tal como descrito no website do Fórum Covilhã, o jornal é um semanário regional generalista, “com grande incidência nos concelhos da Covilhã, Fundão, Belmonte, Manteigas e Penamacor”, com notícias de outros concelhos do distrito de Castelo Branco e que está nas bancas todas as quartas-feiras. Como é referido no *site* o jornal “pauta o seu trabalho pelo rigor, credibilidade e isenção, realizando um serviço público de informação, com pluralidade de opinião”.

No jornal do dia 3 de abril de 2021, no editorial, assinado pelo diretor Vítor Aleixo, a vontade de estar próximo da região, da comunidade e dos leitores continua presente, bem como a busca pela inovação e o compromisso com o serviço público. “O nosso ADN mantém-se desde sempre. Estaremos sempre ao lado das Pessoas, das Comunidades, das Associações, das Tradições e na defesa intransigente da nossa região”, aponta Aleixo no editorial.

## **1.2 Estágio Curricular**

Integrado no Mestrado em Jornalismo e Comunicação, o Estágio Curricular no jornal Fórum Covilhã foi realizado no âmbito da disciplina “Estágio/Relatório”. A duração inicial era de três meses, de 25 de janeiro a 26 de abril, contudo, o novo confinamento causado pela pandemia de Covid-19 veio alterar o ambiente do jornal e a quantidade de trabalho. O estágio foi assim iniciado a 25 de janeiro de 2021 e finalizado a 28 de maio do mesmo ano. Na Entidade de Acolhimento tive como orientador de estágio o diretor do jornal Fórum Covilhã, Vítor Aleixo.

## **1.3 Atividades realizadas**

Em tempo de pandemia tudo se alterou - hábitos, aulas, trabalho, economia, compras, entre outros, e o dia-a-dia foi-se modificando e adaptando ao vírus que tantas dificuldades veio trazer.

Os estágios curriculares não foram, por isso, exceção. Se uns tempos antes tudo parecia encaminhar-se para um estágio normal, a pandemia por Covid-19 veio alterar os planos e mudar completamente as previsões futuras. Se numa época normal encontrar uma colocação já tinha a sua dificuldade, em 2020/2021 essa dificuldade foi redobrada. Meses sem respostas, emails vagos e muitas questões por responder.

Como mostraram Camponez & Oliveira (2021), num estudo sobre o impacto da crise sanitária causada pela Covid-19 nos jornalistas e nas expectativas dos mesmos em relação à profissão, ainda que as perspetivas negativas numa continuação no mundo do jornalismo fossem anteriormente já bastante elevadas, a pandemia veio intensificar os problemas nos meios de comunicação.

Segundo os autores, os profissionais dos meios de comunicação regional e local foram ainda mais prejudicados, principalmente os do setor da imprensa, pois são os mais vulneráveis ao nível económico. Os dados apresentados por Camponez e Oliveira revelam as percentagens antes do Decreto do Estado de Emergência e depois do decreto, onde podemos verificar que as expectativas são pouco positivas. Um dos exemplos refere-se à probabilidade de perda de emprego, sendo que antes do Estado de Emergência a percentagem dos jornalistas que achava essa hipótese “muito alta” era de 0,9%, enquanto após o Estado de Emergência se situava em 11,6%, bem como a hipótese “alta”, que anteriormente se registava nos 4,5% e depois do Estado de Emergência se fixou nos 15,4%, entre 799 inquiridos (Camponéz & Oliveira, 2021, p. 260).

Este pequeno exemplo demonstra bem a mudança das perspetivas dos jornalistas antes e depois de ser decretado o Estado de Emergência. Se tal acontece com jornalistas que já se encontram dentro do meio, que dizer das expectativas dos jovens saídos das universidades e politécnicos, onde até um simples estágio não remunerado foi para muitos constantemente negado?

Apesar de tudo, e depois de algumas respostas negativas das entidades escolhidas nas primeiras opções, o estágio no jornal Fórum Covilhã foi realizado presencialmente e começou ainda no decorrer da pandemia por Covid-19, no dia 25 de janeiro. Numa altura em que as notícias eram escassas, onde o jornal diminuiu o número de páginas, como tantos outros meios impressos do país, os dias de trabalho e número de horas foram organizados consoante a densidade de trabalho. Três dias por semana, segundas-feiras, quartas-feiras, que posteriormente se alteraram para quintas-feiras, e sextas-feiras, das 10H00 ao 12H30 e por vezes à tarde, em teletrabalho, caso surgissem notícias ou não fosse terminado o trabalho da manhã.

O foco do estágio foram as notícias online. Todas as manhãs eram enviados para o meu endereço eletrónico os comunicados de imprensa das mais variadas instituições, dos hospitais às

escolas, passando pelas várias câmaras municipais da região e até da Guarda Nacional Republicana (GNR). Por vezes, com a falta de trabalho, havia que ir em busca de informações nos websites das câmaras municipais, nas redes sociais e outros websites que referissem a região abrangida pelo jornal, tratar os comunicados de imprensa ou as informações disponibilizadas para que depois fossem colocados no website e Facebook do jornal.

Quando algo não estava bem explícito ou existia pouca informação sobre uma determinada instituição ou entidade, o que acontecia diversas vezes, era necessário encontrar informação de forma a esclarecer da melhor maneira os/as leitores/as do jornal.

Em termos de trabalho no local, houve a necessidade de dar apoio a uma das jornalistas do jornal na abertura da exposição “Suspensão”, da autoria do artista covilhanense Luís da Cruz, onde foram tiradas algumas fotografias que depois acompanharam a notícia escrita da edição do jornal de 3 de abril, ano X, nº 461.

Quanto à publicação em jornal há apenas a registar uma breve feita para o jornal, na mesma edição nº 461, intitulada “Proença-a-Nova contou com 96 participantes na edição da «Corrida Virtual de Primavera»” (Fig.1).

Para além das breves que foram sendo realizadas, procedeu-se também à concretização de alguns cartazes digitais, para a página de Facebook, de dias comemorativos, nacionais e internacionais, bem como alguns textos sobre a história dos referidos dias. Dias como o Dia Mundial de Luta contra o Cancro, Dia Mundial da Rádio, Dia Internacional da Liberdade de Imprensa, Dia Internacional da Mulher, entre outros, são alguns dos exemplos dos trabalhos efetuados.

## 1.4 Organização do jornal Fórum Covilhã

Como foi anteriormente referido, o jornal Fórum Covilhã, como tantos outros pelo país, teve, durante a pandemia causada por Covid-19, uma redução no número de páginas, uma vez que os acontecimentos escasseavam. Contudo, todas as semanas continuou a ser feita a reunião de redação.

Nessa reunião eram discutidos os assuntos da semana que entrariam no semanário, a sair à quarta-feira, bem como algumas ideias que surgissem de reportagens ou suplementos especiais.

No que ao impresso diz respeito, o jornal Fórum Covilhã tem, como todos os jornais, o seu foco nos acontecimentos. São estes que cobrem a maioria das páginas do Fórum como jornal informativo que é. As notícias são expostas por temas como ambiente, saúde, literatura, etc. ou

então pelas regiões que o jornal abrange, como a Covilhã, Belmonte, Fundão, entre outras. Para além das notícias mais extensas, o impresso tem ainda um espaço destinado às breves, intitulado “breves região” e geralmente, 2 a 3 páginas destinadas ao desporto local, onde os leitores podem estar a par das equipas das suas cidades/vilas.

Dentro dos artigos mais opinativos estão as crónicas e artigos de opinião e o editorial. Quanto aos artigos de opinião e crónicas, que Gradim (2000) refere como importantes na formação dos leitores, estão ao longo do impresso e são entre 2 a 5 artigos, todas as semanas, o editorial pode ser semanalmente encontrado na página 2.

De referir ainda os produtos que, não sendo notícias, são importantes para o jornal (como os classificados) e para os seus leitores. Na função de "entretenimento", o Fórum Covilhã oferece uma descrição dos signos da semana. Além disso, todas as semanas, na última página, é apresentada a necrologia. Na contracapa encontra-se ainda a meteorologia para toda a semana e o “ponto alto e baixo” da semana ou então um artigo de opinião.

Para além disto, o/a leitor/a do jornal pode ainda encontrar, de tempos a tempos, os suplementos especiais, entrevistas ou reportagens mais extensas e algumas rubricas especiais, como por exemplo “10 anos, 10 factos”, introduzida exclusivamente no ano de 2021, data de comemoração dos 10 anos do jornal, “Figuras do Dirigismo Covilhanense”, “Um lugar na beira” ou “À conversa com...”, entre outras.

## II – A imprensa local e regional

### 2.1 Um jornalismo próximo

Portugal é um país onde as distâncias interior e litoral ainda estão muito presentes. Num país pequeno, as diferenças ainda são muitas e o jornalismo regional torna-se relevante para aqueles que estão nas regiões mais esquecidas e recônditas do país.

É precisamente por isso que o papel do jornalismo regional é, em larga medida, estar próximo, presente, dar voz à comunidade que o rodeia, ouvindo as suas preocupações e transmiti-las às audiências, podendo por vezes chegar às instâncias decisórias.

Para Ghizzoni (2013), o jornalismo regional é fulcral para que exista um simples e claro diálogo entre os cidadãos e o poder público, apontado o seguinte:

Mais do que estruturadores do quotidiano, os jornalistas, na hora em que definem as pautas, devem auxiliar para que a comunidade tenha os seus anseios atendidos e conheça os seus direitos. E é exatamente este um dos grandes trunfos do jornalismo regional: a função comunitária (Ghizzoni, 2013, p. 143).

É através do jornal regional que as populações do interior são informadas das reuniões municipais, dos resultados dos jogos das equipas de futebol da região, da festa popular, da estrada em obras e até dos avisos da câmara municipal, como acontece no jornal Fórum Covilhã.

Jerónimo (2015) refere estes acontecimentos como algo de relevante no quotidiano das populações do interior. “Todo o acontecimento antes de ser global é local”, refere o autor, e é a esse território específico e à imprensa local que interessam esses acontecimentos, pequenos e irrelevantes para os meios nacionais, mas importantes na vida das comunidades regionais. Os jornalistas destes meios mais pequenos têm, assim, uma “importante missão de disseminarem a informação local, sem a qual as populações ficariam alheadas do que se passa na sua comunidade” (Jerónimo, 2015, p. 132).

Estes pequenos acontecimentos têm, pois, importância no jornal regional, sendo que os próprios cronistas e assinantes dos artigos de opinião do Fórum Covilhã dão muitas vezes ênfase aos problemas do dia-a-dia da sua rua, do seu vizinho e às preocupações gerais da população. Como refere Gradim (2000), é aí mesmo, nos artigos de opinião e crónicas, que se oferece aos leitores as ideias mais particulares de cada assinante sobre acontecimentos sociais. Mesmo que estes criem controvérsia e questionamento, possibilitam o debate público, “o intercâmbio de ideias” e contribuem para “o exercício de uma cidadania consciente e responsável” (Gradim, 2000, p. 18).

Camponez (2012) cita Manuel Fernández Areal, que menciona a comunicação social regional e local, apontando o seguinte sobre a mesma:

Nesses *media* dirigidos a públicos muito concretos, normalmente reduzidos, com nomes e apelidos, é onde o jornalismo é mais humano e mais verdadeiramente social, ao pôr em contacto e ao relacionar os que informam ou opinam, escrevem editoriais e dão conselhos, com um público que não é apenas recetor, mas é também enormemente ativo, que por sua vez informa, recrimina, aceita, valora, aplaude ou censura de forma eficaz (Areal, 1997 apud Camponez, 2012, p. 39).

Aqui está, mais uma vez, o carácter do jornalismo regional enquanto meio essencial de contacto com a comunidade, bem como a expressa proximidade dos editoriais e artigos de opinião com a realidade, com o dia-a-dia dos/das leitores/as. Têm pois, também eles, um papel ativo no jornal, não só enquanto leitores, mas também como críticos do impresso.

A troca de ideias de que nos fala Gradim e este contacto com os leitores apontado por Fernández Areal tornam o jornal próximo dos seus leitores e mostra que o meio procura estar atento às realidades do dia-a-dia da região. O jornal adquire, assim, a notoriedade perante os cidadãos, uma vez que fica ao dispor destes, tendo como papel vigiar e cuidar da comunidade onde está inserido, agindo em “prol” da mesma (Assis & Rangel, 2006, p. 6).

Dentro deste agir em proveito da comunidade, Brinca (2012) dá o exemplo dos jornais regionais como organizadores das mais variadas atividades culturais, como impulsionadores do conhecimento de algumas instituições, na realização debates, seminários, eventos culturais, entre tantas outras ações que beneficiam a população. Estas ações “divulgam as potencialidades da região” e tornam o jornalismo local num meio de enorme contributo para o progresso regional e local, rematando o autor com o facto de a imprensa regional se centrar em “desenvolver um trabalho com verdadeira utilidade à região onde atua” (Brinca, 2012, p. 32).

O próprio Fórum Covilhã é exemplo de um impresso que se insere na ideia de não ser um “mero” jornal. A inovação, a criatividade estão sempre na mente da direção e dos seus trabalhadores. Na produção noticiosa, o jornalismo local e regional demonstra o seu vínculo e preocupação para com as associações e instituições da região. Várias vezes são produzidos e publicados cadernos especiais em colaboração com estas entidades (Correia, 1998). Assim, e ainda que esta seja uma fase atípica, com a pandemia causada pela Covid-19, o jornal não deixou de dar voz às instituições, como foi o caso da edição do jornal nº 461, que saiu a 3 de abril de 2021, onde foi incluído um suplemento especial relativo à intervenção social e à instituição CooLabora (**Fig.2**). Nesse suplemento, foram incluídos textos sobre cidadania ativa e igualdade de algumas docentes das escolas da Covilhã, bem como um texto da dirigente da CooLabora relativo à igualdade de género, que contou com a participação de alunos e alunas de algumas escolas da cidade da Covilhã. Aí procurou-se dar respostas às frases: “O melhor de ser rapaz é...”/”O melhor de ser rapariga é...” e “O pior de ser rapaz é...”/”O pior de ser rapariga é...”. Numa outra edição, no dia 17 de março, nº 459, em jeito de celebração do Dia Mundial da Poesia, foi pedido a quatro poetas da região um poema de cada um, de forma a celebrar a escrita e também os autores da região (**Fig.3**).

Estes espaços especiais promovem as associações e demonstram bem a proximidade do jornalismo local e regional. Cadernos com poemas, música, teatro, histórias, opiniões dos dirigentes associativos/professores dessas associações, entre outros, são alguns dos exemplos que podemos encontrar nos jornais regionais (Correia, 1998).

Para além destes suplementos, há ainda a salientar algumas conferências/seminários feitos pelo jornal e os concursos que têm sido propostos, como é o caso da “I Edição do Concurso Literário Jornal Fórum Covilhã”.

Este carácter inovador e útil para a comunidade, com a criação das mais variadas iniciativas, tornam o jornalismo local e regional um importante meio de ligação da comunidade à cultura e ao desenvolvimento das regiões onde estão inseridos, contribuindo para a troca de

conhecimentos entre jornal e leitor/a. O jornal procura, assim, mostrar que é necessário falar de assuntos que nem sempre estão nas páginas dos jornais, como foi o caso deste caderno especial do Fórum sobre igualdade de género e cidadania ativa.

Por outro lado, as comunidades locais, do interior do país, têm raras vezes voz nos jornais nacionais. Cabe, por isso, ao jornalismo regional ouvi-las, dar conhecimento dos seus problemas e preocupações, estando presente nas vidas das populações mais esquecidas, o que nem sempre o jornalismo nacional consegue fazer.

Para Ghizzoni (2013):

A proximidade com o público é uma das maiores vantagens dos jornais impressos regionais em comparação aos de circulação nacional. O conteúdo publicado nestes veículos frequentemente trata de assuntos que já são discutidos na vida quotidiana dos cidadãos, seja em conversas na praça ou discussão sobre política entre vizinhos. Com isso, a média regional adquire um grande poder de mobilização social para abordar reivindicações e necessidades sociais dos leitores (Ghizzoni, 2013, p. 137).

Este papel que o jornalista do jornal regional tem, o de transmitir os problemas dos seus leitores/fontes, aproxima-os, cria uma ligação de familiaridade que não acontece no jornal nacional, fazendo do leitor um participante ativo da vida do jornal. Assis & Rangel (2006) referem o seguinte:

A importância do jornalismo regional dá-se pelo agrupamento das pessoas da região, e pelo sentimento de estar inserido em algum grupo, e de se tornar um membro participante. Esse ajuntamento forma a entidade cultural, pois o grupo comunal pertence a uma cultura semelhante (Assis & Rangel, 2006, p. 3).

O jornal regional é, assim, não só um meio com um carácter identitário de uma região, mas também um meio que agrupa toda a comunidade, tornando o leitor num membro dessa comunidade, ligando todos os indivíduos a uma cultura que congrega as pessoas no seu interior.

Numa era cada vez mais global, a imprensa local e regional quebra a regra ao comunicar o particular, o próximo. Camponez (2002) cita Puente para referir o interesse no local, apontando a globalização como fator que nos leva a pensar a proximidade. “Somos tão iguais que precisamente o nosso (mundo) é o que nos diferencia, (...), o que nos dá identidade”, acrescentando que “chegados à aldeia global (...) a única coisa que nos diferencia na realidade é a nossa aldeia” (Puente, 1996 apud Camponez, 2002, p. 120). Assim sendo, é a região que torna alguém único - é uma das particularidades mais identitárias de cada indivíduo e, numa era de universalização, o individual, a identidade particular, continuam a ter a sua força.

Camponez refere igualmente que a proximidade está ligada às “realidades sociais que nos rodeiam, aos serviços que dispomos na nossa vila ou aldeia”. É um jornalismo que tem em conta a região, que se preocupa com o que se passa diariamente a nível local, sendo que essa realidade só pode ser referida pelo jornalismo local e regional (Camponez, 2002, p. 119).

O jornalismo regional é, naturalmente, desenvolvido numa região específica, numa área geográfica comum que cria proximidade. Segundo Aleixo (2013): “as notícias são como um acontecimento próximo, que as pessoas gostam de ver publicado, espoletando o debate”, o que segundo o autor, é um traço imensamente diferenciador dos meios regionais para os nacionais (Aleixo, 2013, p. 22).

Para Correia (1998) o debate é também imprescindível no jornalismo local. O objetivo essencial do desenvolvimento regional passa por criar uma “opinião pública dotada de sentido crítico, capaz de identificar problemas e de se questionar sobre as soluções necessárias”, isto é, criar uma comunidade com ideias próprias, que não seja mera observadora, mas uma comunidade que participa e se envolve com o que a rodeia. Ora a comunicação social regional pode também contribuir para esta ideia, tendo a possibilidade de ser uma dinamizadora, uma formadora, de um espaço público de “debate e de interação dos cidadãos em torno dos problemas que lhe são próximos” (Correia, 1998, p. 156).

Carvalho (1996) também aponta para a necessidade de existência de uma “opinião pública (ou, talvez melhor, várias opiniões) a nível regional” que contribuam para a intervenção dos cidadãos perante os poderes. Para o autor, meios de comunicação independentes dos poderes são fulcrais na organização de opiniões que ajudem a manter a democracia. Só assim, com meios transparentes, se pode falar de “uma verdadeira dinâmica de desenvolvimento regional” (Carvalho, 1996, p. 7).

A ideia do jornalismo local enquanto apoio ao desenvolvimento regional é também referida por Ribeiro (2004). A autora indica que o facto de o jornalismo local estar próximo da comunidade leva a que este meio seja um facilitador da ação do sujeito enquanto cidadão, ajudando-o a exercer a sua cidadania. O jornal, ao trabalhar assuntos relativos à população, contribui para que a própria comunidade participe no seu desenvolvimento, através da luta pelos direitos políticos e pela fiscalização do poder público (Ribeiro, 2004, p. 5).

Ao criar um vínculo com a população, ao formar uma união de entajuda entre órgão de comunicação e a comunidade, ao fazer referência ao que está mais próximo dos seus destinatários, origina “um processo natural de identificação do leitor com o jornal local” (Ribeiro, 2004, p. 5). Esta ideia pode levar ao surgimento de uma fidelização a um determinado meio, sendo a fidelização dos públicos um aspeto essencial do jornalismo local e regional. O papel importantíssimo do leitor na vida do jornal para a sua subsistência é também característica da imprensa local e regional. No regional, a venda por assinatura tem bastante força e há famílias que continuam a receber e a ler “religiosamente” o “seu” meio regional. Correia fala de um “ritual

comum a muitas famílias do interior”, que demonstra bem a relação do jornal regional com o seu público, com a fidelização dos seus leitores (Correia, 1998, p. 6).

Na perspetiva de Camponez (2002) a procura pelo público e a fidelização deste ao meio cria uma busca “deliberada de laços de proximidade” entre os jornalistas e os destinatários das suas mensagens. “Os públicos são resultado dos laços de proximidade”, a vários níveis, “sociais, temporais”, etc., contudo, é a proximidade geográfica que marca a imprensa regional ao mais alto nível (Camponez, 2002, p. 118). Esta fidelização é apontada pelo autor como fator estratégico do jornalismo de proximidade, mas não é, de todo, atributo exclusivo da imprensa regional, uma vez que a proximidade é comum a todo o meio jornalístico.

Ainda que o jornalismo regional e local pratique um jornalismo de proximidade, um jornalismo onde importa expor conteúdos que o leitor/a quer ver/ler, de forma a fidelizar o seu destinatário, ela não é, como acima referido, característica exclusiva destes meios. Contudo, esta é uma importante especificidade do mesmo, pela sua proximidade ao leitor/ a, à região onde atua e ao jornalismo que pratica, sendo que Camponez a refere como uma “proximidade mais próxima” (Camponez, 2002).

Em suma, o jornalismo local e regional é um jornalismo próximo do/a leitor/a, um jornalismo de identidade, de utilidade a uma comunidade, preocupado com a população da região onde está inserido, informativo, que abrange um território específico, que cria familiaridade com o seu público e recebe dele a sua fidelização.

## **2.2 Caracterização dos meios regionais**

À priori, quando se fala em comunicação social regional, ou mais precisamente em jornalismo regional, muitas são as ideias preconcebidas e estereotipadas. A suposição de que este setor da comunicação é mais “fraco” que o nacional e a noção de que o jornalismo regional é facilmente manipulado pelas elites, pelo poder político e até religioso, são exemplos de opiniões que se ouvem a respeito do setor em causa. É certo que existem meios que não conseguem, ou não querem, sair da alçada destas autoridades. Contudo, vários são os exemplos que não seguem esta linha. O jornalismo regional e local é muito mais que um jornalismo de aldeia. Hoje em dia e, cada vez mais, ele quebra barreiras, tanto a nível territorial como ao nível social e cultural, mostrando que, acima de tudo, o jornalismo regional está presente na vida dos seus leitores/seguidores.

Jerónimo (2015) caracteriza a imprensa local e regional como:

Publicações periódicas de informação geral, que dedicam, de forma regular, a maioria dos seus conteúdos noticiosos a factos ou assuntos de ordem cultural, social, religiosa, económica ou política, respeitantes às comunidades a que se destinam e a territórios que atingem, no mínimo, a dimensão de um distrito; são distribuídos nos suportes papel e plataformas digitais; e não são dependentes, direta ou indiretamente ou por interposta pessoa, de qualquer poder político, inclusive autárquico (Jerónimo, 2015, p. 11).

Já Correia (1998) refere algumas características específicas do jornalismo local e regional, reconhecendo que as mesmas são por um lado uma força, mas por outro também uma fraqueza (Correia, 1998, p. 4).

O autor faz referência à fraca ligação dos meios regionais e locais com a publicidade; à aposta constante no artigo de opinião e colaboração externa; a referência insistente de temas recorrentes e ligados a polémicas; o uso de marcas de discurso de sociabilidade que denotam um saber partilhado entre jornalista e destinatário; a partilha mútua de conhecimentos entre os que produzem as notícias e os leitores relativamente a acontecimentos que “servem de referentes às mensagens jornalísticas” (Correia, 1998, p. 152).

O autor sublinha ainda a união íntima das elites locais, culturais e associativas com esses meios; a manutenção no investimento em temas que provocam debate de causas importantes; a forte presença do leitor e assinante na vida do meio, e o contacto do jornal com os mesmos; a ligação e colaboração com o “espaço público”, com o apoio a iniciativas com as coletividades, universidades, entre outras, e ainda a intensificação constante do “sentimento de partilha de um destino comum” como elementos a valorizar na comunicação regional (Correia, 1998, p. 162). Segundo Correia, fazer com que estas características tão específicas do jornalismo local não se misturem com os interesses superiores, políticos, religiosos tornará o “espaço público regional menos desumanizado e mais aberto aos interesses reais dos seus participantes”, ou seja, ao interesse dos leitores, da comunidade (Correia, 1998, p. 162).

Ainda que estas características sejam, ao mesmo tempo, a favor e contra o jornalismo local, importa salientar a manutenção do foco na interação com os públicos como um elemento essencial na caracterização dos meios regionais.

A maioria dos autores aponta, portanto, que os pontos fulcrais do jornalismo regional se referem ao facto de os meios regionais estarem intimamente ligados ao território e ao contacto próximo com as populações onde esses meios estão implementados.

Jorge Pedro Sousa (2002) referiu que os meios regionais são complexos de definir. O autor aponta duas razões para essa complexa caracterização, a primeira é relativa à “volatilidade paisagística”, uma vez que existem variadas “micro realidades” por toda a Europa, onde os “jornais nascem e morrem sem que deles se dê conta”, e a segunda diz respeito à “inexistência de informação”, onde os estudos sobre estes meios são escassos (Sousa, 2002, p. 2-3).

Sousa refere que apesar desta complexa descrição a Lei busca apontar para a geografia, para o território, como o fator mais distintivo das publicações regionais, contudo, as especificidades da comunicação regional e local são muito mais multifacetadas (Sousa, 2002).

Posto isto, no Decreto-Lei nº. 106/88 de 31 de março de 1988, no Estatuto da Imprensa Regional, artigo 1º, é referido o seguinte:

Consideram-se de imprensa regional todas as publicações periódicas de informação geral, conformes à Lei de Imprensa, que se destinem predominantemente às respetivas comunidades regionais e locais, dediquem, de forma regular, mais de metade da sua superfície redatorial a factos ou assuntos de ordem cultural, social, religiosa, económica e política e a elas respeitantes e não estejam dependentes, diretamente ou por interposta pessoa, de qualquer poder político, inclusive autárquico (p. 1320).

Diz Correia (1998) sobre este decreto que a definição não quer dizer que a “verdadeira imprensa regional” não supere fronteiras, antes pelo contrário, refere sim o facto de que mesmo que esta imprensa ultrapasse a região onde está inserida isso não implica um “desenraizamento em relação às realidades vividas das comunidades locais de que as notícias são referentes” (Correia, 1998, p. 160). A imprensa regional desenvencilha-se muitas vezes das “amarras” da região e chega até bem longe. A globalização é um dos motivos e para além disso, como será referido mais à frente, a imprensa local é um meio com um grande elo de ligação às comunidades emigrantes.

Já a Lei da Imprensa de 1999 é mais sucinta apontando, no artigo 14º, que as publicações regionais são as que “pelo seu conteúdo e distribuição se destinem predominantemente às comunidades regionais e locais” (Artigo 14º, p. 204).

Tal como Sousa afirmou, fica aqui também bem explícito o facto de a legislação apontar como traço identitário da imprensa regional o território, mas como se sabe a imprensa regional é muito mais que apenas uma questão de geográfica. Como temos vindo a dizer, o jornalismo regional tem o poder de aproximar as pessoas, de estar dentro das realidades da população local e dar a conhecer os seus problemas.

Na apresentação do livro “Imprensa Local e Regional em Portugal”, elaborado pela Entidade Reguladora para a Comunicação Social (ERC) em 2010, o à data presidente do Conselho Regulador, J. A. Azeredo Lopes escreveu:

A imprensa regional desempenha um papel notável de reforço de um conceito rico de cidadania. Cultiva a proximidade, é útil para quem a lê, estimula ou, pelo menos, conserva, laços identitários, culturais e históricos da maior importância (...). Acarinha o particular, numa altura em que só se prega o global. Cultiva a língua portuguesa, num plano cada vez mais raro na Imprensa em geral (ERC, 2010, p. 18).

Na mesma linha, no preâmbulo do Estatuto da Imprensa Regional, Decreto-Lei nº 106/88, de 31 de março, é referido o seguinte:

A imprensa regional desempenha um papel altamente relevante, não só no âmbito territorial a que naturalmente diz respeito, mas também na informação e contributo para a manutenção de laços de autêntica familiaridade entre as gentes locais e as comunidades de emigrantes dispersas pelas partes mais longínquas do Mundo (p. 18).

Mais uma vez, a lei destaca esse papel de manutenção de laços, de familiaridade da imprensa local e regional, que aproxima a região dos emigrantes que a deixaram. Ainda que a era global tenha vindo para ficar, que importe estar informado acerca do que se passa no mundo, o que se passa no nosso país, na nossa região, ainda tem o seu valor, sendo ainda mais intenso para aqueles que deixaram o país. É uma forma de estar próximo. Lendo o jornal da região, o emigrante sente-se próximo da sua cultura, da sua terra natal, da sua família.

A caracterização da imprensa regional feita pela ERC e presente no Estatuto da Imprensa Regional é mais específica e liga a cidadania, a proximidade, as tradições das comunidades e a preservação da língua como aspetos essenciais da imprensa local.

Jorge Pedro Sousa (2002) aponta três aspetos para compreender a comunicação regional:

1. O primeiro aspeto diz respeito à “comunidade” que, segundo o autor, é um traço que se faz notar entre indivíduos com uma relação próxima e onde são partilhados “valores, modos de vida, interesses e língua comuns” (Sousa, 2002, p. 4);
2. O segundo fala do aspeto da “vizinhança” que está ligado a um dos conceitos essenciais do jornalismo regional e local: a proximidade, tratando-se nomeadamente, da ligação no interior da comunidade/população (Sousa, 2002, p. 5);
3. O terceiro aspeto é relativo à “territorialização”, isto é, ao espaço geográfico. Segundo o autor a comunicação social local e regional desenvolve-se “através de meios de comunicação que são próximos das pessoas que os usam” (Sousa, 2002, p. 5).

Esta vizinhança de que fala Sousa também é referida por Correia. O autor menciona os espaços de discussão e conversa públicos, como o café, o banco do jardim, etc., que apesar de serem locais de “sociabilidade tradicionais, assentes na vizinhança e na partilha de saberes comuns”, podem também servir de apoio aos media regionais para mergulharem nos problemas e interesses dos cidadãos com a possibilidade de fortalecer a “identidade e partilha de saberes” como forma de manutenção da proximidade entre jornal/jornalista e leitor (Correia, 1998, p. 163).

Assim, e como já dissemos, o jornalismo local e regional está íntima e territorialmente ligado às pessoas que vivem numa determinada região, aos membros dessa mesma área.

Ainda em relação a esse território, Dornelles (2012) refere que a imprensa do interior trabalha um “espaço mais ou menos limitado, por seleção do tipo de informação, por identificação com o público, pela partilha dos factos, dos interesses, das necessidades, das reivindicações

políticas, etc.”, sendo o jornal um meio de serviço à comunidade, “a quem deve a sua existência e o seu sustento” (Dornelles, 2012, p. 29).

Camponez (2002) também revela as particularidades que melhor caracterizam a imprensa regional apontando a “forte territorialização, a territorialização dos seus públicos, a proximidade face aos agentes e às instituições sociais que dominam esse espaço, o conhecimento dos seus leitores e das temáticas correntes na opinião pública local” (Camponez, 2002, p. 19). Interessa assim, na imprensa de região, o território, as pessoas que vivem nesse local e o conhecimento que o jornalista tem dos mesmos.

A imprensa regional e local é, assim, um meio que comunica sobre um local ou região não muito vasto, sobre uma população específica. Em suma, um meio próximo que se apresenta ao serviço do território e da sua comunidade.

### **2.3 As funções da imprensa regional**

Muitos autores evidenciaram o papel do jornal e as suas funções. Tanto no regional, como no nacional o papel dos jornais é muito idêntico, ainda que ambos tenham as suas especificidades. Entre um dos pontos comuns à imprensa nacional e regional a generalidade dos autores afirma o papel informativo do meio para com os seus leitores, bem como, secundariamente, a função de entreter e ocupar o público, como referenciado por exemplo em Gradim (2000) e Sousa (2002).

Gradim refere que o que interessa, acima de tudo, são as notícias e não as emoções dos jornalistas, ou seja, a função informativa (Gradim, 2000, p. 17). Contudo, e segundo a autora, a população procura também a função de recreio, que está hoje praticamente presente em todos os jornais com a introdução de passatempos, horóscopo, banda desenhada, entre outros. Para Gradim, um bom jornal é aquele que consegue harmonizar a informação com o entretenimento, “informar rápida, fidedigna e eficientemente e ser fonte de prazer e descoberta ao virar da página para os seus leitores” (Gradim, 2000, p. 29). Sousa refere, para além do papel informativo e de entretenimento, funções que segundo o autor são essenciais e primárias no jornalismo, como o papel formativo, a função educativa do jornal enquanto objeto de desenvolvimento cultural da população (Sousa, 2002, p. 5).

Gradim refere ainda que tendo o jornal como interesse maior informar o cidadão, este não pode beneficiar interesses criados. O jornal não pode ser meio de promoção de individualidades, partidos ou ideologias, nem deve ser um recurso para uns se superiorizarem perante outros, o papel

do jornal é, com rigor e exatidão, “divulgar factos atuais de interesse geral – as notícias” (Gradim, 2000, p. 17).

A Lei Portuguesa, tendo em conta o Estatuto da Imprensa Regional de 1988 atribui à imprensa regional e local, seis funções, que são identificadas no artigo 2º desse documento:

a) Promover a informação respeitante às diversas regiões, como parte integrante da informação nacional, nas suas múltiplas facetas; b) Contribuir para o desenvolvimento da cultura e identidade regional através do conhecimento e compreensão do ambiente social, político e económico das regiões e localidades, bem como a promoção das suas potencialidades de desenvolvimento; c) Assegurar às comunidades regionais e locais o fácil acesso à informação; d) Contribuir para o enriquecimento cultural e informativo das comunidades regionais e locais, bem como para a ocupação dos seus tempos livres; e) Proporcionar aos emigrantes portugueses no estrangeiro informação geral sobre as suas comunidades de origem, fortalecendo os laços entre eles e as respetivas localidades e regiões; f) Favorecer uma visão problemática regional, integrada no todo nacional e internacional (p. 1320).

Posto isto, importa salientar novamente o carácter identitário regional preservado pelo jornalismo local e regional, bem como a importância no desenvolvimento e enriquecimento da cultura e na aproximação aos emigrantes, onde é criada uma ponte entre estes e a região que deixaram. A Lei mostrava assim, em 1988, a importância do jornal regional na vida das populações do interior.

Apesar do já referido papel territorial/geográfico que caracteriza a imprensa regional e local, o papel social da mesma está aqui bastante presente: interessam as pessoas da terra, as comunidades, os problemas da rua e da avenida, os problemas do vizinho do lado e a ligação de quem partiu à terra.

Jorge Pedro Sousa (2002) reporta um conjunto de funções da comunicação social local e regional. Para o autor, os meios regionais têm como característica mais marcante a “função informativa e utilitária”, uma vez que a comunicação feita localmente é primeiramente “um útil veículo de informação”. Com a troca de informação são criados laços entre os que estão envolvidos na mesma, contribuindo isto para “a integração e reintegração constante” dos cidadãos da comunidade (Sousa, 2002, p. 5).

Sousa cita Camponez (2002) e Correia (1988) para referenciar outra função que diz respeito à “produção simbólica comunitária” que é vista como atributo impulsionador da “integração, socialização e aculturação” da população, sendo esta uma característica que intensifica o “sentimento de pertença” (Correia, 1988 apud Sousa, 2002, p. 5-6), trata o “outro de fora” como alguém diferente e o “outro daqui” como alguém que é semelhante (Camponez, 2002 apud Sousa, 2002, p. 6). Ainda nesta mesma linha, a comunicação social local e regional é também um meio de oposição à força do global, mas também um meio de “projeção do local no global, de glocalidade, beneficiando dos novos meios” (Camponez, 2002 apud Sousa, 2002, p. 6). Trata-se

aqui de ligações, familiaridade, união de uma comunidade em torno de um local de pertença, tornando o conterrâneo como alguém parecido e aquele que não é da mesma terra como alguém distinto. Para Assis & Rangel (2006) é esse mesmo um dos pontos mais importantes do jornalismo regional: criar “vínculos com as pessoas e fortificar a identidade de lugar” (Assis & Rangel, 2006, p. 2).

Para além destes fatores, a comunicação local opera como meio de “petição e de representação ou de setores da comunidade ou de toda a comunidade perante terceiros”, e principalmente quando esta se envolve num jornalismo ligado a causas, fazendo também desta sociedade uma “comunidade de interesses” (Sousa, 2002, p. 6). Importa, como já referimos, dar voz aos leitores do jornal, à população onde o meio está inserido, ouvir os seus problemas, as suas opiniões e denunciar, fazendo a ligação entre a comunidade e as entidades da região - por outras palavras, fazer do jornalista um agente ativo de apoio à população. Traquina (2002) cita Ungaro (1992) referindo que o jornalista é um “servidor público”, que busca a veracidade dos factos, tendo o papel de “cão de guarda” enquanto protetor dos cidadãos perante os abusos das altas instâncias, “no papel de contrapoder que atua do a quem doer, no papel de «herói» do regime democrático” (Ungaro, 1992 apud Traquina, 2002, p. 89).

Para Carvalheiro (1996) o jornalista deve ser um “intermediário entre o poder e o público” e não um mero meio de informação. Segundo o autor, sendo um intermediário, o profissional produz um valor que é trabalhado por critérios, mas caso seja um simples veículo o jornalista torna-se numa mera “câmara de ampliação das mensagens do poder” (Carvalheiro, 1996, p. 2). O autor acrescenta ainda:

O jornalismo existe precisamente para desmontar factos e mensagens, contextualizá-los e revelar o que nos assuntos públicos é ocultado por conveniência. O que o jornalismo não deve ser é uma galeria onde passeiam os poderosos da terra, a dizer impunemente o que lhes interessa, no momento em que lhes apetece. O compromisso, por excelência, dos jornalistas é com os destinatários da informação. É para capacitá-los enquanto cidadãos que o jornalismo livre é considerado uma condição para a democracia (Carvalheiro, 1996, p. 2).

Também Amaral fala deste valor universal do jornalismo, da importância em servir o cidadão, apontando que o jornalismo se “obriga a esse grande objetivo de se bater por uma consciência cidadã dos seus leitores. E, por obrigação ética, uma autoconsciência cidadã dos seus profissionais” (Amaral, 2012, p. 4-5). O jornalista é assim visto como o guardião, como um indivíduo que apoia o/a seu/sua leitor/a e o/a põe a par da atualidade e da verdade, o compromisso é para com o público, não para com os poderes instituídos.

Sousa refere ainda a comunicação social regional e local como um “espaço simbólico onde se desenvolvem competições”, especialmente entre os indivíduos que detêm o poder político local (Sousa, 2002, p. 6).

Já Dornelles (2010) cita Mathien (2004) para referir algumas das funções mais decisivas da imprensa regional. Na perspetiva do autor esta imprensa tem como papel “servir de elo da comunidade a que se dirige”; ser um apoio à experiência do dia-a-dia dos que a leem; diminuir a dúvida que possa existir na comunidade relativamente à atualidade, ajudando a mesma a estar informada; ser um meio de troca de conhecimentos, oferecendo ao leitor/a informações sobre os mais variados assuntos, permitindo a quem a lê expandir a sua cultura; ter a capacidade para ser um “banco de dados” sobre a área onde está inserida, algo que é feito maioritariamente através das redes; o papel enquanto organizador de arquivos e serviços, com a capacidade de atualização constante; e ainda a função de entretenimento e a de “psicoterapia social” (Mathien, 2004 apud Dornelles, 2010, p. 242).

Gradim (2000) sublinha ainda o compromisso com a objetividade e com a atualidade inerente a todos os jornais. Ambos os conceitos estão intimamente ligados ao jornalismo. Nas palavras da autora a objetividade torna possível informar o cidadão de forma “rigorosa e isenta”, sendo um “princípio regulador para o qual se deve tender, que se tentará respeitar, e em torno do qual urge estar vigilante” (Gradim, 2000, p. 21-22). Já relativamente à atualidade é referido que “ninguém deseja ser informado sobre o que já é público”, isto é, não vale a pena noticiar algo que já foi noticiado antes (Gradim, 2000, p. 25).

Vimos até ao momento como a imprensa local e regional tem características idênticas à imprensa nacional, assente no trio de funções essenciais: “informar, entreter e formar”, apontado por Gradim, Sousa e Mathien, bem como a importância da objetividade e da atualidade das notícias. O aspeto mais específico da imprensa regional é, como temos vindo a sublinhar, o papel de apoio à sua comunidade, de desenvolvimento da mesma, de integração. Ouvir as preocupações e os problemas da população são, em suma, as funções que concedem o carácter de proximidade, tão identitário do jornalismo local e regional.

## **2.4 Problemas e desafios da imprensa regional**

Já referimos que o jornalismo em Portugal (e de uma forma geral no mundo) passa hoje por várias dificuldades. A imprensa, mas certamente ainda mais os jornais regionais, em comparação com os nacionais, lutam com sérios desafios à sua sobrevivência.

Entre estes, estão os problemas económicos/financeiros, com falta de novos leitores/subscritores e de investimento/publicidade, os problemas mais inerentes à vida dos próprios jornais regionais, como é o caso da incapacidade de manter um corpo de profissionais, o que leva a alguns jornais a recorrerem à reprodução de notícias ou aos comunicados de imprensa, em vez de colocarem jornalistas no terreno.

Brinca (2012) fala de um jornalismo de cópia, onde basta “copiar e colar”, o que se deve aos comunicados de imprensa que chegam a toda a hora aos jornais. O autor refere o seguinte:

As notícias passaram a ser redigidas maioritariamente nas fontes, o que levava a questionar “que contributo dá à sociedade este novo jornalismo de copy/paste, em que o jornalista é um mero “pé de microfone”, acrítico, passivo, inculto e procurando não ser inconveniente para os diferentes agentes de poder (Brinca, 2012, p. 32).

O jornalismo é, neste sentido, como Brinca refere, cada vez mais feito “sentado”, frente a um computador, o que faz dos jornalistas “meros porta-vozes das agências de comunicação” (Brinca, 2012, p. 33). É a isto que se tem assistido nos mais diversos jornais, principalmente na imprensa local e regional. Os próprios estágios passam por aí, pelo tratamento da informação enviada por endereço eletrónico, limitando o estagiário e contribuindo para uma fraca aprendizagem. Contudo, este é o dia-a-dia de muitos jornalistas/colaboradores dos jornais regionais.

Também Jerónimo (2015) refere este jornalismo de secretária, que denomina de “prática sedentária”, apontando como causas os constantes comunicados que chegam às redações e a própria falta de profissionais. Segundo o próprio, o jornalista acumula, nos meios regionais, várias funções, ele é paginador, designer, revisor, etc., o que provoca uma falta de tempo para géneros como a reportagem ou a entrevista, sendo estes cada vez mais raros em muitos jornais locais. Os produtores passam assim a maior parte do seu tempo dentro dos escritórios, em vez de estarem na rua, sendo que as matérias externas ganham relevância sobre os conteúdos próprios, algo que a internet veio intensificar (Jerónimo, 2015, p. 140 e 161).

Correia (1998) refere que a comunicação social regional portuguesa ainda se encontra ligada a características do jornalismo pré-industrial, ao contrário da comunicação nacional que passou toda a fase da industrialização. Passados 23 anos da obra “Jornalismo e Espaço Público” muitos desses traços pré-industriais são ainda visíveis nos meios de comunicação locais. Como foi referido anteriormente, no ponto 2.2 relativo à caracterização dos meios regionais, o autor aponta como elementos identificadores desse jornalismo pré-industrial o volátil vínculo destes meios com a publicidade ou a ligação às elites locais, entre outros atrás referidos (Correia, 1998, p. 158).

Essa relação íntima da imprensa regional com a elite regional, os professores, os dirigentes das associações/clubes, entre outros, ajuda na promoção do jornal enquanto espaço de criação e na

exploração das suas opiniões sobre assuntos do seu conhecimento. Contudo, a introdução destes espaços opinativos nos jornais, que dão voz às elites da região, não podem ser desculpa da não aposta numa redação com profissionais especializados (Correia, 1998, p. 5-6).

Contrastando com a comunicação nacional, como referiu Correia, sabe-se que os meios nacionais conseguiram ultrapassar as barreiras da industrialização e modernizar os seus jornais, enquanto muitos dos regionais estagnaram na era pré-industrial.

Noutro ponto ainda, relativo ao jornalismo de causas praticado algumas vezes pelo jornalismo local e regional, Camponez (2012) lembra que, apesar de, muitas vezes, os meios regionais de proximidade serem interventivos no jornalismo de causas, há que ter em conta os problemas que daí podem vir, como o facto de tal poder levar a um “jornalismo propagandístico” que seria incompatível com o “ideal de informação pública” (Camponez, 2012, p. 41). Ainda que seja essencial existir uma ligação à comunidade e às causas que a preocupam, o jornalismo não deve deixar de lado o ideal de objetividade. Assim sendo, é importante que exista uma continuidade da proximidade sem esquecer o ideal da objetividade do jornalismo.

Entre as várias dificuldades e problemas com que a comunicação social regional e local tem de lidar, Sousa (2002) aponta uma série de desafios que estes meios devem ter em conta como:

1. A “promoção da qualidade dos conteúdos” - para o autor o ponto principal e onde, segundo o próprio, existe na comunicação regional uma grande quantidade de informação, mas onde falha a qualidade (Sousa, 2002, p. 17). As caixas dos endereços eletrónicos dos jornais regionais estão cheias de acontecimentos que querem ser partilhados, cabendo ao jornalista saber reconhecer se o mesmo tem valor noticioso;
2. O segundo ponto desafiante é a “definição do seu papel num mundo em que a dinâmica da globalização contrasta paradoxalmente com o recrudescimento da importância local”, os meios regionais devem inovar, ser criativos e aproveitar as oportunidades do online (Sousa, 2002, p. 17);
3. A “profissionalização e desenvolvimento empresarial” é também um dos fatores apontados pelo autor. Existe uma falta de profissionais nos jornais locais, é necessário contratar jornalistas, designers, entre outros, que ajudem os jornais regionais a ser algo mais do que “projetos pessoais de escassos recursos”, tornando estes meios mais fortes e de melhor qualidade informativa, visual e melhor gestão (Sousa, 2002, p. 17);
4. “Salvaguardar a independência face aos poderes político e religioso”, em particular do poder autárquico, é também fundamental, ainda que seja complicado, para muitos, largarem as amarras do apoio financeiro das autarquias, a independência é, segundo

Sousa, um meio para trazer mais leitores, mais vendas e mais publicidade (Sousa, 2002, p. 17);

5. Ter a “capacidade de gerar leitores e receitas” é desafiante, cabendo aos meios arranjar formas criativas para potencializar as vendas e trazer novos leitores (Sousa, 2002, p. 18);
6. A necessária “capacidade de captar publicidade” (Sousa, 2002, p. 18);
7. E por último, o desafio relativo “à tendência recente da concentração”, com vários grupos mediáticos a adquirirem os meios regionais (Sousa, 2002, p. 18).

Relativamente ao ponto três que Sousa refere também outros autores o identificaram. Correia (1998) falou na importância da introdução de novos profissionais no jornalismo local e regional, profissionais que contribuíssem para o desenvolvimento das regiões e conseguissem produzir conteúdos de qualidade (Correia, 1998, p. 7).

No estudo feito pela ERC, em 2010, onde foram recolhidas entrevistas com vários jornalistas e diretores em algumas sedes de jornais regionais, a entidade refere alguns problemas do jornalismo regional. Segundo a própria, a fraca aposta na publicidade e restantes opções de receitas; a dificuldade em controlar as tiragens; a problemática com as fontes de informação, onde existe uma desigualdade no acesso às mesmas, comparativamente com os meios nacionais; a dependência económica dos jornais para com os órgãos autárquicos, uma vez que nem todos os meios conseguem ser independentes do poder local e a baixa organização e nível de profissionalização dos jornalistas que trabalham nestes meios (ERC, 2010, p. 108-110). A que se acrescenta o baixo índice de leitura das regiões interiores do país, a perda de assinantes, os problemas na distribuição e “consequentemente, o seu impacto diminuto na vida política, económica, social e cultural, a nível nacional” (ERC, 2010, p. 21).

Estando o jornalista dependente das fontes de informação, no jornalismo regional o problema começa a partir do momento em que pode existir uma tensão entre jornalista e fonte.

Em relação às fontes, a ERC explora este problema referindo que o jornalismo de proximidade praticado pela imprensa regional passa também por uma proximidade aos leitores e às fontes, sejam elas oficiais ou não oficiais. No estudo feito pela entidade notou-se as desigualdades de acesso às mesmas, em comparação com os meios nacionais, o que mostrou ser um constrangimento para os jornalistas dos meios regionais. Os jornalistas regionais denotam as diferenças no acesso às fontes nacionais, sendo que isto “cria inibição e constrangimento em aspetos como a apresentação de queixas (...), por receio de perder as fontes e pelas eventuais repercussões a nível financeiro”. A entidade refere ainda o facto da dificuldade em aceder às fontes

ser, em algumas ocasiões, causada pela produção de notícias incómodas, o que é grave (ERC, 2010, p. 109).

Jerónimo (2012) também fala desta proximidade às fontes referindo o jornalista como um ator que “partilha o mesmo palco com outros atores, que ora são as suas fontes, ora o seu público, ora os visados das suas notícias... ou até mesmo as três situações em simultâneo” (Jerónimo, 2012, p. 25). Jerónimo refere-se ao facto de a intensa territorialização da imprensa e dos públicos ser tal que existe uma conjugação de possibilidades - o leitor pode ser fonte e personagem da notícia -, sendo que os jornais de meios pequenos têm que lidar com estas situações por vezes muito incómodas, tanto para o jornalista como para os visados.

Correia refere a impossibilidade do conteúdo jornalístico em não ser “contaminado” num meio que se caracteriza por ser tão próximo da sua audiência. Ou seja, torna-se difícil não existir uma troca entre meios e destinatários, uma “comunhão de saberes partilhada” (Correia, 1998, p. 158-159).

Contudo, Jerónimo aponta mesmo para uma tensão nesta grande proximidade com os públicos, sendo que, tal como referiu Correia, apesar de esta possibilitar um conhecimento melhorado da comunidade da região onde o jornal está inserido, também existe uma frequência de possíveis encontros fora do meio profissional que podem ser complexos de gerir. “Simples rituais como ir ao café ou às compras, em espaços geográficos mais reduzidos, leva a um aumento da probabilidade de encontro entre jornalistas e fontes ou leitores”, sendo isto algo incómodo para os entrevistados (Jerónimo, 2012, p. 27).

Neste capítulo, é ainda essencial referir, como referido no ponto 4 de Sousa e também pela ERC, a necessária independência em relação aos poderes públicos. Alguns meios ainda são dependentes economicamente dos órgãos autárquicos das regiões, sendo este um fator de grande enfraquecimento destes enquanto meios autónomos do poder. A ERC sublinha ainda que “as autarquias são, nessa medida, apresentadas como grandes meios de pressão sobre o livre exercício do jornalismo, particularmente nos concelhos mais pequenos, nos quais a imprensa fica mais vulnerável face ao poder público autárquico” (ERC, 2010, p. 109).

Apesar do estudo da Entidade Reguladora ter sido elaborado em 2010, estas problemáticas estão ainda hoje bem assentes no jornalismo local, bem como todas as outras problemáticas apresentadas pelos autores acima referenciados. Os problemas e os desafios que se impõem são vários, cabe aos próprios meios de comunicação locais e regionais tentar combatê-los, arranjar formas de os ultrapassar ou tentar que não se tornem aspetos fulcrais que dificultem a vida desses meios.

## 2.5 Critérios de noticiabilidade

Se existe algo que todos os alunos de Ciências da Comunicação e Jornalismo aprendem nos primeiros tempos da faculdade é que existem uma série de valores que regem as notícias (mesmo que não sejam explícitos em algum código). Vários autores falaram deles e, como pilares da escrita noticiosa que são, importa falar deles.

Pensar sobre valores de notícia decorre do simples facto da quantidade de informação que todos os dias surge nas redações dos meios de comunicação e que exige algum tratamento. O volume de acontecimentos é tal que os jornalistas precisam de critérios que os ajudem a perceber qual a informação mais relevante para ser exposta ao seu destinatário (Silva, 2005).

Tal como Correia afirmou “os jornalistas adquirem, como uma parte do seu profissionalismo, em grande parte através do treino, da pressão exercida pelos seus pares e na sala de redação, um saber instintivo que lhes permite identificar e hierarquizar a multiplicidade de acontecimentos que acontecem no mundo real”, sendo este saber denominado por valores-notícia (Correia, 2011, p. 149).

Para Traquina (2002) os critérios de notícia “determinam se um acontecimento, ou um assunto, são suscetíveis de se tornar notícia, isto é, serem julgados como transformáveis em matéria noticiável, por isso, possuindo «valor-notícia»”, devendo-se a padronização e previsibilidade da produção da notícia a estes valores (Traquina, 2002, p. 172-173).

Gradim (2000) afirma que a “linha editorial não é linear” e está sujeita a vários elementos, como quem lidera e trabalha no jornal, os propósitos do meio, “a sua área de influência e o público a que se destina”. Contudo, “implica sempre critérios valorativos de seleção do material noticioso” (Gradim, 2000, p. 26). Na perspetiva de Jerónimo (2012):

As rotinas de produção dos jornalistas são as mesmas em qualquer parte do globo: apurar, recolher, editar e transformar a informação em notícias. A diferença está nos contextos: a região onde está inserido determinado meio, aquele para o qual se trabalha, a forma como fontes e público se relacionam com eles, etc. (Jerónimo, 2012, p. 24).

Ou seja, se as rotinas são iguais em todo o mundo, também os critérios de notícia que os jornalistas usam serão idênticos. Contudo, não são estáticos, nem são todos seguidos da mesma forma por todos os meios. Apesar dessa variação, importa perceber: que acontecimentos, em termos gerais, são relevantes para serem noticiados?

Na resposta a esta questão pesam vários fatores - do leitor ao jornalista, da própria política editorial a fatores económicos, políticos, culturais, do diretor do jornal ao meio onde o jornal está inserido, todos eles motivos que têm implicações no que é ou não é notícia.

Segundo Traquina (2002), os primeiros autores a identificarem pormenorizadamente os valores-notícia foram Galtung e Ruge (1965/1993), na resposta à pergunta “como é que os acontecimentos se transformam em notícia?” (Traquina, 2002, p. 179).

Galtung & Ruge (1993) referem 12 valores que, segundo os próprios, podem ser entendidos como valores noticiosos. São eles: a **frequência** que se identifica com a duração do acontecimento - no exemplo dos autores, é possível registar um assassinato, pois é de curta duração, em contrapartida é impossível registar as mortes ao minuto de uma batalha; a **amplitude do evento** diz respeito à importância de um determinado evento - no exemplo os autores referem que “quanto mais violento for o assassinato maiores serão os títulos”; a **clareza ou falta de ambiguidade** refere-se ao facto de quanto mais claro, mais simples é um determinado acontecimento mais hipótese tem de ser noticiado, uma vez que ambiguidade gera mais suposições e questões; a **significância** está ligada a dois fatores: a proximidade e a relevância, o primeiro é respeitante ao facto de quanto mais idêntico culturalmente, quanto mais familiar, mais facilidade haverá em ser notado, quanto à relevância diz respeito ao facto de o acontecimento ser relevante por si mesmo, mesmo que aconteça num local distante pode ter significado para o/a leitor/a; a **consonância** refere-se a uma “pré-imagem mental”, a uma expectativa de que algo aconteça, caso aconteça tem maior probabilidade de ser publicado; o **inesperado** é relativo a algo que acontece raramente, algo repetitivo não tem grande valor de notícia, os acontecimentos devem ser “inesperados e raros”; a **continuidade** refere-se ao facto de que assim que um acontecimento se torna cabeçalho e se define como notícia ele vai continuar a ser notícia durante um período, mesmo que a amplitude diminua; a **composição** aponta que os acontecimentos devem estar equilibrados, na seleção noticiosa se existem várias notícias do estrangeiro, o valor de notícia dos conteúdos “domésticos” será mais elevado; Galtung e Ruge referem que apesar dos oito primeiros valores “culturalmente livres”, há outros que não são independentes da cultura, são eles a **referência a nações de elite** que, como o próprio nome refere, um acontecimento que diga respeito a essas nações terá maior probabilidade de ser notícia; na **referência a pessoas de elite** importa os sujeitos que estão dentro da ação, caso sejam relevantes e conhecidos a ocorrência pode ser noticiada; a **personalização** que diz respeito à pessoa envolvida no acontecimento, a notícia mostra geralmente algo ou alguém como o causador dessa ação e isso é notícia; por último, a **negatividade** é relativa ao facto das notícias terem um maior impacto sobre o destinatário, serão mais consensuais e inesperadas, *bad news is good news* (Galtung & Ruge, 1993, p. 64-70).

Para além de Galtung e Ruge (1965/1993), outros autores seguiram as pisadas no esforço de encontrarem valores de noticiabilidade que se coadunassem com a produção noticiosa, os

canadianos Ericson, Baranek & Chan (1987), Mauro Wolf (1987) e o professor Nelson Traquina (2002).

Traquina (2002) cita Ericson, Baranek & Chan (1987) referindo que estes autores veem os critérios de noticiabilidade não como categóricos, mas sim como fatores que contribuem para que o jornalista perceba o valor de um determinado acontecimento, a escolher do leque de opções uma alternativa e medir as opções pelas quais deve optar (Ericson, Baranek & Chan, 1987 apud Traquina, 2002, p. 182). Os três investigadores referem na sua lista os seguintes critérios de noticiabilidade: a **simplificação**, que se identifica em certa parte com a clareza de Galtung e Ruge, onde importa que o acontecimento seja significativo e claro, não ambíguo; a **dramatização** que se encontra ligado ao facto de um acontecimento ser importante e com uma evolução dramática, fator este relacionado com a personalização, uma vez que se uma personalidade se encontra ligada à ação o acontecimento é mais facilmente noticiado; a **continuidade** faz correspondência com a consonância de Galtung e Ruge, é necessário haver um “enquadramento familiar”, usar algo que já aconteceu e prever que o mesmo pode acontecer; o **inesperado** especialmente o acontecimento inesperado negativo; por último, os autores referem a **infração**, isto é as infrações às leis, o crime são notícia, estando este critério intimamente ligado com a função de policiamento da sociedade que se associa ao jornalismo, principalmente o policiamento dos políticos, do Governo, algo também já referido neste relatório acima quando se referiu o jornalista como guardião do cidadão (Ericson, Baranek e Chan, 1987 apud Traquina, 2002, p. 182-184).

Posto isto, verificamos que existem vários critérios de noticiabilidade que se identificam com outros. Ainda que as denominações dadas pelos autores sejam distintas, os significados de muitos deles são os mesmos.

Mauro Wolf (1987), ao contrário de Galtung e Ruge e de Ericson, Baranek e Chan, colocou um ponto essencial, na perspetiva de Traquina, na temática dos critérios de noticiabilidade. Wolf passou a diferenciar valores-notícia de seleção e valores-notícia de construção. Os **valores de seleção** dizem respeito à própria seleção de um acontecimento sobre o outro, sendo que estes valores de seleção se distinguem em dois grupos: os **critérios substantivos**, onde é feita a avaliação direta da ação, e os **critérios contextuais** que se referem ao “contexto da produção noticiosa”. Já os **valores-notícia de construção** dizem respeito à qualidade da construção da própria notícia e “funcionam como linhas-guia para a apresentação do material”, percebendo assim quais as escolhas a serem feitas, o que deve ser “realçado, o que deve ser omitido” (Traquina, 2002, p. 186-187).

Assim, segundo Traquina (2002), os valores-notícia de **seleção** estão divididos em critérios substantivos e contextuais. Nos **critérios substantivos** encontram-se os seguintes valores-notícia:

**Morte:** “onde há morte, há jornalistas” - *bad news is good news* (Traquina, 2002, p. 187);

**Notoriedade:** a reputação do envolvido no acontecimento, a posição e o nome são determinantes;

**Proximidade:** essencialmente este valor de notícia encontra-se ligado à geografia, ainda que possa também ser uma proximidade cultural;

**Relevância:** o jornalista sente necessidade de manter o seu público informado sobre os acontecimentos importantes, uma vez que têm “impacto na vida das pessoas” (Traquina, 2002, p. 189);

**Novidade:** como o próprio nome indica, é referida como algo novo;

**Tempo:** um acontecimento atual, uma data específica, pode surgir como “news peg”, isto é, de cabide para a produção noticiosa, algo que aconteceu anteriormente pode ser notícia pois importa sinalizar essa data. Por exemplo, a queda do muro de Berlim é, desde então, motivo de lembrança todos os anos em muitos meios de comunicação (Traquina, 2002, p. 189);

**Notabilidade:** o acontecimento deve ser visível, palpável, daí o foque do jornalismo nos acontecimentos e não em problemáticas (Traquina, 2002, p. 190);

**Inesperado:** está relacionado com o surpreendente, um acontecimento não esperado, aquilo que Traquina chama de “mega-acontecimento” que põe a redação em alvoroço, dando o autor o exemplo da queda das Torres Gémeas em 2001 (Traquina, 2002, p. 192);

**Conflito/controvérsia:** especialmente em casos de violência/disputas políticas, onde há conflito entre altas instâncias há notícia (Traquina, 2002, p. 192).

Traquina apontou ainda, dentro dos valores de seleção, os **critérios contextuais**:

**Disponibilidade:** está ligada à cobertura de algo - se é simples cobrir o acontecimento, se não traz muitos custos, nem implica muitos recursos esse acontecimento será mais facilmente noticiado do que um que envolva muitos meios (Traquina, 2002, p. 196);

**Equilíbrio:** faz referência à quantidade de notícias - se determinado acontecimento foi noticiado há pouco tempo o assunto não terá valor noticioso (Traquina, 2002, p. 196);

**Visualidade:** reporta-se às componentes visuais, como imagens, vídeos;

**Concorrência:** diz respeito aos concorrentes de um determinado jornal, estando este fator de noticiabilidade ligado aos exclusivos, isto é, se um meio tem uma notícia única, faz questão de o sublinhar. Isso demonstra a concorrência entre os meios, importando aqui ter uma notícia que os outros desconhecem (Traquina, 2002, p. 197);

**Dia noticioso:** é relativo ao dia-a-dia, cada dia pode ter vários acontecimentos de grande valor noticioso, outros dias não tanto - o que tem valor de notícia num dia pode não ter no outro (Traquina, 2002, p. 197).

Por último, nos valores de noticiabilidade de **construção** verifica-se a:

**Simplificação:** que diz respeito à facilidade de compreensão de um determinado acontecimento: quanto menos ambíguo for maior será a possibilidade de ser notícia;

**Amplificação:** “quanto mais amplificado é o acontecimento, mais possibilidades tem a notícia de ser notada” (Traquina, 2002, p. 199);

**Relevância:** implica dar valor, mostrar que um determinado assunto é importante para o público, mostrar o quão relevante pode ser;

**Personalização:** importa considerar quem está envolvido no acontecimento: “as pessoas interessam-se por outras pessoas” (Traquina, 2002, p. 199);

**Dramatização:** implica o investimento no emocional, na vertente do conflito, estando muito ligada aos media mais sensacionalistas onde as notícias têm esse carácter dramático, que intensifica a emotividade;

**Consonância:** onde importa o contexto previamente conhecido da notícia: “o «novo» acontecimento é inserido numa «velha» estória” (Traquina, 2002, p. 200).

De entre todos estes critérios é importante sublinhar um que é essencial no jornalismo regional e local: o valor-notícia da proximidade. Ao longo deste relatório abordamos precisamente a questão da proximidade como um fator fulcral no jornalismo de região e esta surge aqui novamente, com este critério de noticiabilidade seu caracterizador.

Camponez (2012) afirma que a proximidade é um pilar “estratégico” no mundo jornalístico, sendo essencial no “interesse do público pelas notícias” (Camponez, 2012, p. 35). Quanto mais próximo é o acontecimento mais interesse ele gera nessa população, pois como referiram Galtung e Ruge “aquele que procura o acontecimento dará particular atenção ao familiar, ao semelhante culturalmente, enquanto o distante culturalmente passará de modo mais fácil e não será notado” (Galtung & Ruge, 1993, p. 65).

No seguimento do que temos vindo a dizer, o jornal regional é assim um meio informativo essencial para as pessoas do local pois estas “preferem ver notícias da sua cidade ou região a ver notícias que não lhe causam muito impacto” (Assis & Rangel, 2006, p. 2).

Por exemplo, a morte de uma pessoa numa estrada na Serra da Estrela será notícia no jornal Fórum Covilhã, mas mais dificilmente será notícia num jornal do Porto. Traquina refere que na ocorrência de acidentes, a Lei de McLurg explica que existe uma ligação entre “o número de

mortos e a distância geográfica para avaliar a noticiabilidade de um desastre” (Traquina, 2002, p. 188).

Segundo Correia (1998) a região acaba por ser um valor-notícia em si própria, uma vez que é objeto de notícia e de inspiração de editoriais e artigos de opinião. Determinados assuntos e problemas do dia-a-dia do comum cidadão são única e exclusivamente expostos no jornal regional (Correia, 1998, p. 7).

Importa também destacar o valor-notícia do tempo. Como foi referido no ponto I deste relatório, denominado "Contextualização do Estágio Curricular e Entidade Acolhedora", na secção sobre as atividades realizadas, vemos que a celebração dos dias internacionais e nacionais importam muito na produção do jornal Fórum Covilhã. Praticamente todos os meses existem referências aos dias comemorativos ao nível mundial/nacional, bem como a produção de suplementos especiais dentro do jornal impresso, como o já referenciado complemento sobre o Dia Mundial da Poesia. Como Traquina expressou, estes dias são usados como “cabides” para voltarem às páginas dos jornais (Traquina, 2002, p. 190). A própria escassez de notícias pode levar ao surgimento destes “cabides”, sendo mais uma forma de cobrir o espaço vago da falta de notícias sobre a atualidade.

Também o critério de notícia da infração ou da controvérsia é bastante importante no jornalismo local e regional. Ainda que muitos autores defendam que neste jornalismo de interior raras vezes são expostos problemas políticos, uma vez que o jornalista, dentro de um meio pequeno, importa salvaguardar as suas fontes e não ir contra as altas instâncias, muitos autores, contudo, como é o caso de Ribeiro (2012), veem o jornalismo regional como um ativo de inspeção dos poderes, “diante das suas limitações, o jornal do interior é considerado um fiscalizador dos poderes político e administrativo” (Ribeiro, 2004, p. 6).

A negatividade é também um ponto fulcral em qualquer meio noticioso. As más notícias têm sempre destaque e relevância nos meios de comunicação, sendo que as regiões do interior só são lembradas nos grandes meios nacionais por causa de grandes catástrofes, homicídios ou problemas graves, sendo esquecidas em praticamente todas as outras situações, pois como referem Assis e Rangel essas notícias mais pequenas, as notícias regionais “não interessam a um grande público, mas sim a uma pequena população” (Assis & Rangel, 2006, p. 3).

Apesar de se poder ler/ouvir, várias vezes, a ideia de que os “media só noticiam desgraças”, continuam a ser essas notícias negativas as mais acedidas e que mais repercussão ganham. Basta percorrer o Facebook do Fórum Covilhã para o verificar. As notícias negativas, sobre crime,

incêndios, entre outras, continuam a ter força para o público, sendo que os leitores demonstram interesse em estar a par das mesmas.

Contudo, Brinca (2012) aponta para esse facto dos/das leitores/as estarem cansados das notícias negativas, referindo que é necessária uma reflexão sobre os valores de notícia.

Sublinhando:

É preciso destriçar entre o interesse da audiência e o interesse público. A mercantilização da informação levou a esquecer-se a componente de serviço público que deve prestar, embora esta deva, naturalmente, cativar o interesse dos leitores, não apenas pela rentabilização do negócio, mas porque só faz sentido existirem jornais se estes tiverem quem os leia. (...) O jornalismo é serviço público e deve noticiar o que é relevante para a vida das pessoas. Tem um papel vital na mediação entre os diferentes interesses na sociedade. Mas hoje, em nome das audiências, e das preferências destas, aposta-se no que é “giro” e vende (Brinca, 2012, p. 33).

Importa que o jornal foque cada vez mais o papel informativo do mesmo e não se deixe levar por uma aposta no sensacionalismo ou pelo que é “giro”, como refere Brinca, só porque vende mais. O jornalismo deve perceber o que realmente importa e tentar ligar o interesse público e o que é relevante para o leitor sem cair na obsessão das vendas a todo o custo.

Segundo Traquina, as notícias surgem de um “processo de interação social”. Elas refletem a “realidade (...), os constrangimentos organizacionais”, ligados tanto à intervenção dos proprietários, como de fatores económicos, os próprios valores-notícia e as fontes (Traquina, 2002, p. 129). Assim sendo, e tal como a notícia depende de várias situações, também os próprios valores de noticiabilidade estão dependentes dos mais variados fatores - seja pelas já faladas pressões que muitos meios, principalmente os regionais, sofrem, ou pela proximidade que têm aos seus públicos. Muitos jornalistas preferem não referir determinado assunto a perderem as suas fontes, a serem influenciados por elas ou a ficarem em cheque perante os poderes públicos, bem como pelo facto de a própria política editorial de cada jornal poder afetar diretamente a seleção do que é notícia. Como referiu Camponez “a imprensa local está particularmente atenta em não incomodar ninguém que se encontre dentro do círculo de proximidade” (Camponez, 2002, p. 267).

Importa aqui salientar que o dever de informar é essencial no jornalismo. O jornalista deve ter sempre em conta a sua obrigação de mostrar os factos ao cidadão, informá-lo da forma mais correta e concisa que conseguir, deixando de lado os incómodos que certas informações possam causar. O jornalista não deve, por isso, esquecer o Código Deontológico e o Estatuto do Jornalista pelos quais se rege.

Apesar de tudo, é por causa deles, dos valores-notícia, destes critérios que contribuem para a profissão do jornalista que se cria um “group think, a partilha de «hábitos mentais» que criam fenómenos bem documentados de jornalismo de matilha (pack journalism)”, formando-se assim

um “modo de ver, um modo de agir e um modo de falar que estabelece um elo de ligação bastante forte entre os membros da diáspora jornalística” (Traquina, 2002, p. 127).

### III – O online no jornalismo local e regional

#### 3.1 O papel do online no jornalismo

Desde o aparecimento da internet temos assistido, ao longo dos anos, a uma massificação da sua distribuição e desenvolvimento. Ainda que se mantenha o *digital divide*, cada vez mais, há maior acesso a ela, o que tem contribuído para o mundo global, o desenvolvimento. No entanto, a transformação digital originou vários problemas a diversos sectores, sendo a imprensa uma das áreas que tem sido afetada pela força e poder da internet.

Hélder Bastos (2010) identifica o ano de 1995 como o início do jornalismo online em Portugal, com o Jornal de Notícias, sendo que os meios, nessa primeira fase, limitavam-se a copiar a informação do meio tradicional para os websites (Bastos, 2010).

Ainda que atualmente a internet faça cada vez mais parte da vida das pessoas, a passagem dos media para o digital não foi assim tão simples. Canavilhas (2003) fala, nos primeiros tempos, de um desperdício do potencial do online, fazendo referência a McLuhan que afirmava que “o conteúdo de qualquer *medium* é sempre o antigo *medium* que foi substituído”. Tal como acima referiu Bastos, a internet não fugiu à regra, tendo sido feita, no início, somente a passagem dos conteúdos do meio que havia sido trocado: do jornal, para o online (Canavilhas, 2003, p. 63).

Canavilhas continua esta ideia apontando que como meio que é, a internet tem uma “linguagem própria” onde existe a possibilidade de os navegadores verem/lerem outros conteúdos, já que que o online traz consigo o texto, a imagem, o vídeo e o som. Ora, com a introdução destes elementos de multimédia, é implementada uma mudança na “produção noticiosa e forma de ler” (Canavilhas, 2003, p. 64).

Assim sendo, houve necessidade de explorar estas potencialidades que a internet tinha a oferecer ao jornalismo online, para o webjornalismo/ciberjornalismo - potencialidades essas exclusivas do online, como é o caso da interatividade, hipertextualidade, conteúdos personalizados, elementos multimédia, etc. que iremos referenciar mais adiante. Ora, jornalismo online ou webjornalismo/ciberjornalismo é definido por Bastos como um jornalismo feito para conteúdos na “web por profissionais destacados para trabalhar, em exclusivo, nessas mesmas publicações”, sendo este um género distinto dos outros pelo recurso à tecnologia (Bastos, 2005, p. 1).

Aqueles que trabalham na web, os ciberjornalistas, são também um ponto fulcral no desenvolvimento do ciberjornalismo. Segundo Canavilhas (2006) a questão da formação dos jornalistas online é essencial, sendo que do ponto de vista do autor é necessária uma formação específica dos elementos e características deste campo jornalístico.

Os jornalistas da web distinguem-se dos colegas dos meios tradicionais na medida em que utilizam os elementos específicos do online na sua produção noticiosa. Assim sendo, o jornalista do online tem:

De tomar decisões sobre qual o formato ou formatos de *media* que melhor se adaptam a uma determinada estória (multimédia), de considerar opções que permitam ao público responder, interagir ou mesmo personalizar certas estórias (interatividade), e pensar nas maneiras de relacionar a estória com outras estórias, arquivos, e outros recursos através de hiperligações (hipertexto) (Bastos, 2005, p. 1-2).

Bastos lembra, contudo, que apesar desta utilização de diferentes elementos das dos colegas de profissão, os ciberjornalistas não deixam de ser jornalistas, sendo que todos devem seguir as mesmas regras.

Importa referir também que apesar de muitos meios já terem jornalistas destinados só ao online alguns ainda não os têm, principalmente os meios regionais, onde praticamente não existem jornalistas exclusivamente dedicados ao digital. Numa época onde os meios de comunicação se debatem pela sobrevivência são os jornalistas que sofrem as primeiras consequências. Jerónimo já em 2015 referia, por motivos distintos, que a redução dos profissionais era uma das primeiras medidas para manter os jornais. Atualmente, a situação mundial, com a pandemia por Covid-19, veio intensificar os despedimentos e colocar os jornalistas ainda mais à secretária e ligados à internet. Como referido anteriormente neste relatório, no estudo de Camponez & Oliveira (2021), os jornalistas acreditam existir uma maior probabilidade de perderem o emprego após o Estado de Emergência do que no período antes do decreto.

Voltando ao tema do online, a busca e o investimento no digital e o consequente “jornalismo sedentário”, referido por Jerónimo, que mantém o jornalista à frente do seu computador, sem sair da redação, tornou-se num meio de reduzir os custos da comunicação social e não uma forma de tornar a internet como um meio de relevante aposta para o desenvolvimento do webjornalismo/ciberjornalismo (Jerónimo, 2015, p. 89).

Com a redução de profissionais os restantes, os que se mantêm nas redações veem a sua carga de trabalhos ser aumentada. Ao longo da obra, “Ciberjornalismo de Proximidade”, Jerónimo refere o *multiskiling* e *multitasking* que têm invadido as redações e as rotinas dos jornalistas e ciberjornalistas. Para além disto, assiste-se a uma insistência em criar conteúdos rapidamente, recorre-se às cópias integrais de outros conteúdos e intensificam-se as horas de trabalho, resultando

numa constante ligação do jornalista ao meio onde trabalha, estando o jornalista/ciberjornalista “24/7 (todos os dias, a qualquer hora)” disponível para trabalhar (Jerónimo, 2015, p. 61).

Ainda que o webjornalismo/ciberjornalismo tenha as suas características definidas, como a interatividade, hipertextualidade, etc., em Portugal ainda existem muitos meios que não exploram todas as possibilidades que o online tem para oferecer. Ora, se é custoso para os meios nacionais que dizer dos meios regionais? Para a existência de um verdadeiro ciberjornalismo multimédia era precisa, tal como afirmaram Bastos (2005), Canavilhas (2006) e Jerónimo (2015), um investimento nos profissionais e nos recursos técnicos.

Apesar de um necessário investimento é de salientar que o ciberjornalismo tem um carácter que permite um acréscimo, uma melhoria em relação aos meios anteriores a ele. “Mais do que a recolha de notícias, análise e reportagem, trata-se de aqui ir para além das notícias, incluindo ideias, histórias e os diálogos através dos quais os leitores podem aprender uns com os outros” (Bastos, 2005, p. 4).

Ainda que o caminho do ciberjornalismo e dos seus profissionais seja inconstante, com a existência de vários desafios e problemas, o facto é que o mesmo tem vindo a ganhar bastantes adeptos.

Atualmente, cada vez mais adolescentes, jovens adultos e até mesmo adultos deixaram de lado o papel, a compra do jornal físico, o hábito de comprar o jornal no quiosque e lê-lo ao sofá para passarem a aceder ao mesmo por via do telemóvel ou computador. Os/as leitores/as deixam de ir ao quiosque do bairro e passam a ler as notícias que mais interessam com um simples *scroll* no telemóvel. Numa era global, cheia de facilidades e completamente buliçosa, onde o tempo parece ter acelerado, aceder ao *WiFi* ou aos dados móveis tornou-se muito mais fácil do que sair de casa para ir buscar o jornal/revista de eleição. Agora o jornal está à distância de um “clique” e ainda que muitos não troquem o jornal impresso, o papel, muitos já o deixaram de lado por completo.

Segundo dados deste ano do Bareme Internet, da Marktest, cerca de seis milhões de portugueses, a partir dos 15 anos, residentes no continente, têm o hábito de ler notícias online, o que corresponde a “70% do universo e a 89% dos utilizadores da Internet”. De 2013 para cá o número de leitores de notícias online tem aumentado todos os anos, com um registo de mais 28% este ano do que o que foi registado em 2013, com 54.6% (Marktest, 2021).

Em dados do estudo *Crosspress* (estudo *crossmedia* da imprensa da Marktest), em 2020, 74% dos portugueses, 15 ou mais anos, lê uma ou mais dos 18 títulos de jornais e revistas que o estudo auditou. O estudo registou ainda que a cobertura máxima do papel atingiu os 54% e a

cobertura digital 59%, com cerca de 15% dos leitores a ler exclusivamente em papel e 21% a ler unicamente *online*, sendo que a maioria usa ambos os formatos (38%). Contudo, e numa era onde a interação física e social foi limitada, com a pandemia por Covid-19, a Marktest sublinha o facto de em igual período de 2019 a percentagem de leitores da imprensa física ser de 62% e em 2020 de 54%, com o digital a registar em 2019 uma percentagem de 52% e em 2020 de 59% (Marktest, 2020).

De sublinhar ainda que os estudos apontam para uma clara diferença das faixas etárias em relação aos formatos prediletos. Na faixa dos 15-24 anos a exclusividade digital coloca-se nos 38%, já no grupo 65+ somente 7% lê em exclusivo via online, o que se encontra longe da média global de 20% (Marktest, 2020).

Posto isto, e apesar do facto dos constrangimentos causados pela pandemia de Covid-19, é necessário arranjar métodos criativos que ajudem os leitores a comprar mais jornais físicos, pois ainda que o online possa ser um meio que contribui para o jornalismo, a verdade é que pode dificultar, cada vez mais, a vida do jornalismo impresso. Importa arranjar soluções e não fazer da internet o inimigo número um.

Muitos autores têm agourado o fim da imprensa e muitos julgam que a mesma passará em exclusivo para o digital. Em Portugal, em meados de 2018, o Diário de Notícias (DN), que até à data imprimia diariamente, optou por apostar numa edição online diariamente, imprimindo em papel apenas aos domingos. Tudo poderia antever que muitos outros lhe seguiriam o exemplo, contudo, a 29 de dezembro de 2020, data de aniversário do jornal, o DN anunciou que voltaria às bancas diariamente. O que poderia ter sido uma ida sem retorno, com uma aposta praticamente exclusiva no online, mostrou que ainda há quem se importe verdadeiramente com a manutenção da imprensa escrita como foi o caso do acionista maioritário Marco Galinha, que marcou a intenção do regresso do DN às bancas assim que entrou na Global Media Group.

Em suma, para além das opiniões de alguns que vaticinam o fim do papel, os inquéritos e estudos feitos nos últimos anos por empresas de estudo de mercado, meios e audiências, como é o caso da *Marktest* e de outros tantos autores que estudaram o ciberjornalismo, têm demonstrado a mudança nos meios de comunicação, o aumento generalizado dos leitores de jornais online e a diminuição de leitores do jornal impresso. Contudo, apesar deste decréscimo de vendas físicas muitos continuam fiéis ao seu meio impresso de eleição. Para que estes não acabem é necessária a criatividade e inovação dos meios, mas também que as pessoas não deixem o impresso cair no esquecimento.

### 3.2 O online do jornal Fórum Covilhã

Como referido anteriormente, o estágio curricular realizado no jornal Fórum Covilhã foi direcionado para o online. E, numa época onde a internet e as redes sociais vivem de braço dado com o jornalismo, importa conhecer e perceber a importância que cada jornal dá ao jornalismo na web e o poder que o mesmo tem sobre o jornalismo.

Ainda que muitos jornais tenham demonstrado saber lidar com a internet, tendo conseguido aproveitar o que de bom tem e até expandir os negócios, o uso do online na imprensa nacional, mais uma vez, encontra-se noutra fase do aproveitamento da internet feito por parte da imprensa regional. Mais uma vez, os obstáculos e diferenças entre o nacional e regional são aqui notórios.

O uso da publicidade é também no online fulcral e como foi referido antes, é algo que falta concretizar-se no jornalismo local e regional. De referir ainda que enquanto muitos jornais nacionais investiram no ciberjornalismo, com uma aposta nas potencialidades que o online traz ao jornalismo, os jornais regionais nem sempre fazem uso dessas oportunidades.

Apesar de Hélder Bastos (2010) ter referido o ano de 1995 como o início do ciberjornalismo em Portugal, Jerónimo (2015), por sua vez, apontou o ano de 1996 como o início da passagem da imprensa de proximidade para o online, com o jornal regional Voz Portucalense, da diocese do Porto, e no mesmo ano, mais tarde, com o Diário de Coimbra e o Região de Leiria.

Relativamente à presença dos jornais regionais e locais na internet, o estudo da ERC, feito em 2010, identificou os números, mostrando que, dentro das 411 publicações regionais abrangidas, 45,5% tinham uma versão eletrónica, com notícias da edição em papel, transcritas em parte ou na totalidade e uma atualização informativa regular. Cerca de 41,1%, à data, não tinha qualquer edição eletrónica e uma percentagem de 4,9% apresentava uma edição na internet em formato blogue. O estudo verificou ainda uma correlação entre a frequência de publicação com a presença online, onde publicações menos regulares demonstraram uma menor probabilidade em ter um espaço na internet. Assim, 74,6% dos diários e semanários tinham uma edição online, 57,3% dos quinzenários/bimensários e apenas 21,7% dos mensários (ERC, 2010, p. 284-285).

Sendo a proximidade, como vimos, uma característica essencial do jornalismo local e regional, deveremos também neste ponto falar da proximidade no ciberjornalismo. Segundo Jerónimo este ciberjornalismo “é a especialidade do jornalismo de proximidade que emprega o ciberespaço para investigar, produzir e, sobretudo, difundir conteúdos jornalísticos referentes a um determinado território e/ou comunidade”, algo que se coaduna com o jornalismo regional (Jerónimo, 2015, p. 12).

Posto isto, e uma vez que o website e Facebook do jornal Fórum Covilhã se destina a um jornalismo online com conteúdos relativos a uma determinada região, nomeadamente a região da Cova da Beira, tendo ainda notícias sobre o distrito da Guarda, podemos afirmar que existe um jornalismo online de proximidade. Contudo, é de salientar a falta de alguns elementos característicos de um verdadeiro ciberjornalismo, como é o caso do uso dos elementos multimédia e a característica da hipertextualidade. A dificuldade de produção deve, contudo, ser tida em conta, uma vez que este jornal tem poucos profissionais: tem atualmente três elementos, onde se incluem já o diretor do jornal e o chefe de redação. Ora, uma produção com características verdadeiramente ligadas ao ciberjornalismo é dispendiosa e implica muito tempo da parte dos jornalistas, o que com uma redação reduzida é de difícil implementação. Apesar disso, diríamos que algumas características específicas do jornalismo online também podem ser encontradas nas páginas do Fórum Covilhã.

No que diz respeito à **hipertextualidade** Canavilhas refere que na web o texto vai além das frases formuladas: “o texto transforma-se numa tessitura informativa formada por um conjunto de blocos informativos ligados através de hiperligações (links), ou seja, num hipertexto” (Canavilhas, 2014, p. 4). O autor recorre a Salverría (2005) que citando refere que a hipertextualidade é a “capacidade de ligar textos digitais entre si” (Salverría, 2005 apud Canavilhas, 2014, p. 5). Jerónimo aponta que esta característica trouxe para a produção noticiosa a opção de relacionar conteúdos “sem a necessidade de ter que os colocar todos no mesmo plano” (Jerónimo, 2015, p. 52). O/a leitor/a pode assim escolher o caminho que quer seguir na sua leitura, ligando-se desta forma esta característica à própria particularidade da interatividade, que abordaremos adiante, e que aproxima o meio do seu público.

Analisando os conteúdos disponibilizados pelo Fórum Covilhã, no seu website, não é encontrada qualquer aplicação da hipertextualidade.

Quanto à **multimedialidade**, como o próprio nome indica, trata-se de recorrer a elementos multimédia, como o vídeo, o som e a imagem, juntando estes ao elemento principal, o texto. Contudo, Salverría (2014) refere que esta combinação não pode ser somente limitada por estes elementos, uma vez que já existem outros complementos multimédia disponibilizados pelo ciberjornalismo, como a infografia, o gráfico, etc. Este autor aponta ainda que a conjugação destes elementos é um desafio para os produtores, e aqueles que queiram verdadeiramente “explorar ao máximo o potencial comunicativo da internet” vão precisar de “excelentes dotes de escritor e grandes aptidões para a narrativa gráfica e audiovisual” (Salverría, 2014, p. 33).

Este aspeto tão essencial no jornalismo online é também um dos fatores que praticamente é inexistente no online do Fórum.

Em relação à **interatividade**, Canavilhas refere que “a máxima “nós escrevemos, vocês leem” pertence ao passado”, sendo que existe a possibilidade de uma “interação direta” do público com o jornalista (Canavilhas, 2003, p. 65). Esta característica é vista como meio de ligação, de aproximação entre o utilizador e o meio jornalístico (Jerónimo, 2015) (Rost, 2014).

Neste ponto, verifica-se no Fórum Covilhã alguma presença deste fator, nomeadamente pelo facto de o endereço eletrónico ser disponibilizado, podendo o/a leitor/a entrar em contacto com o meio e pela criação de algumas iniciativas específicas. No Dia da Mãe, por exemplo, o jornal pediu aos seus leitores que enviassem mensagens para as suas figuras maternas.

Outro exemplo é a rubrica criada em 2020, “Consultório Médico” (**Fig.4**), onde a Médica Marisa Horta responde às dúvidas dos/das leitores/as do Fórum, entre outras. De referir ainda que os seguidores da rede social podem comentar as notícias que aí são disponibilizadas. Contudo, verificamos não existir no website conteúdos interativos como a hipertextualidade ou infografias que possibilitem também esta interatividade.

No seu relatório de estágio, já anteriormente referenciado, Vítor Aleixo, aponta a importância da proximidade com os leitores e o papel destes enquanto ativos na colaboração com o Fórum Covilhã, mostrando aqui também uma preocupação com a interatividade jornal-leitor, referindo:

É importante que a proximidade com o leitor se verifique, ou seja, tem de haver mais interação entre o jornal regional e o leitor. Onde a participação cívica seja mais fomentada, de forma que o debate e a troca de ideias seja cada vez mais uma realidade. A proximidade com o leitor tem de fazer com que este leia o jornal, se informe, comente e participe na vida da comunidade (Aleixo, 2013, p. 36-37).

A **memória** é também um elemento do ciberjornalismo/webjornalismo apontado pelos autores. Jerónimo entende a memória como fulcral para “o funcionamento de qualquer coletivo, na medida em que cada grupo precisa de uma consciência que lhe sirva de referência”, sendo que a imprensa é essencial nesse aspeto pois é fonte importante para “recuperar informações do passado” (Jerónimo, 2015, p. 53).

Para Palacios (2014) o meio jornalístico “é memória em ato, memória enraizada no concreto, no espaço, na imagem, no objeto, atualidade singularizada, presente vivido e transformado em notícia que amanhã será passado relatado”, sendo que se antes do surgimento da internet esse passado era atualizado dia-a-dia, com a entrada em cena do online o relato do passado passou a ser “contínuo e ininterrupto, nas coberturas jornalísticas 24x7 (24 horas por dia, sete dias por semana)” (Palacios, 2014, p. 91).

Assim, parece correto afirmar que com a internet a memória jornalística ganhou um local ilimitado a que todos podem aceder facilmente. Na página web do jornal Fórum Covilhã é possível aceder a conteúdos anteriores e, até onde foi possível verificar, existem notícias a que se pode recuar até ao ano de 2018. Com a entrada das redes sociais, no caso do Fórum com a aposta na página de Facebook, o/a leitor/a pode navegar até aos primeiros tempos da página, indo até ao ano de 2016, para o que apenas precisa de clicar no motor de busca presente na página e identificar aquilo que pretende encontrar.

Palacios referiu ainda o uso da memória no jornalismo como “ferramenta narrativa”, sendo que para o autor esta é apresentada na produção noticiosa “em peças jornalísticas de carácter comemorativo (aniversários de eventos ou pessoas) e naquelas em que o facto presente está sinalizando um fim de trajetória, como nos obituários” (Palacios, 2014, p. 92). Neste aspeto vemos também aqui que o Fórum Covilhã recorre a este carácter da memória jornalística. Como já foi salientado neste relatório, o jornal usa bastante as datas comemorativas na sua produção noticiosa.

A memória apresenta-se assim como elemento fundamental para o público encontrar informações que necessita. Jerónimo (2015) cita o seu próprio trabalho referindo a memória como um aspeto essencial para a imprensa regional, afirmando o seguinte:

Se a imprensa regional pretender continuar a assumir o importante papel de guardião das memórias locais, terá que investir na preservação digital (...) Trata-se de garantir não só às gerações futuras o acesso às memórias dos seus antepassados, da sua cultura, como também às comunidades emigrantes no estrangeiro” (Jerónimo, 2010 apud Jerónimo, 2015, p. 54).

Quanto à **instantaneidade**, Jerónimo (2015), refere que se trata de “publicar a qualquer hora, sem ter de esperar pela edição em papel do dia, da semana seguinte (...). Com a Internet não há fecho de edição” (Jerónimo, 2015, p. 52). Assim o jornalista pode atualizar o website a qualquer hora, mantendo desta forma o seu público atualizado ao momento. Bradshaw (2014) refere que celeridade sempre esteve presente no jornalismo, como de facto é possível corroborar no ponto sobre os critérios de noticiabilidade presente neste relatório com a referência de Traquina (2002) à novidade, uma vez que algo novo pode ser notícia.

Bradshaw refere que existem várias instantaneidades, sendo elas a “instantaneidade em publicar, mas também em consumir, e, sobretudo, em distribuir” (Bradshaw, 2014, p. 112). Importa assim publicar o mais rápido possível, permitindo uma atualização constante para os destinatários das mensagens. Já ao nível de consumo, uma vez que os utilizadores estão continuamente “ligados”, existe a possibilidade de absorção imediata das notícias, que faz aumentar o ritmo de consumo.

Esta característica do ciberjornalismo é talvez a mais presente no Fórum Covilhã. O jornal é um semanário e, como tal, importa manter os seus leitores a par das notícias da região todos os dias, o que se faz através das redes sociais - neste caso pelo Facebook, e também pelo seu website. Nesse sentido, a internet veio aproximar os leitores e o jornal, contribuindo para os pôr a par ao minuto e à distância de um “clique” de tudo o que se passa na região.

Todos os dias são, pois, lançadas algumas notícias breves que levam o leitor para o website do jornal e o mantêm atualizado. Nos dias a seguir à publicação do jornal nas bancas também são lançadas algumas notícias no Facebook com ligação ao website.

Contudo, de salientar que se observou, nos últimos tempos do decorrer do estágio, que as breves realizadas eram mais constantes. Atualmente, percorrendo o website, verifica-se que existe uma presença das notícias que saíram no jornal durante a semana e algumas que surgiram antes e depois da edição impressa. As informações mais atualizadas são referidas diretamente na rede social do jornal, o Facebook, com as denominadas “última hora” (**Fig.5**), informações essas que não têm qualquer ligação para o *site* como acontecia anteriormente. Em relação a alguns eventos mais pequenos, encontra-se atualmente os cartazes dos mesmos, publicados na página de Facebook do jornal.

A sede pela informação contínua é algo bem característico dos dias de hoje: a população parece querer estar atualizada "ao minuto" e, daí, o online aparecer como ferramenta que permite entrar na casa dos leitores todos os dias e a toda a hora, a cada segundo, ao contrário do papel. A digitalização trouxe também isto: uma quantidade excessiva de informação, um bombardeamento constante de notícias, a criação de oportunidade de uma constante ligação dos públicos à informação.

Por outro lado, importa referir ainda a **personalização** que possibilita ao público escolher, mediante os seus interesses, as notícias que quer ler/ver. Segundo Lorenz (2014) trata-se aqui de criar um conteúdo especial e diferenciado para todos os utilizadores, referindo o autor que “estamos a entrar no negócio de catering para as mais diferentes necessidades dos utilizadores, com várias opções de uso da oferta baseado nas preferências e necessidades” (Lorenz, 2014, p. 139). Contudo, e tal como refere este autor, a personalização é dispendiosa e por isso impraticável para todos os jornais, especialmente os regionais. O Fórum tem implementado esta opção de assinatura no online, mantendo algumas notícias fechadas ao público geral.

Por último, a **ubiquidade** é a característica do ciberjornalismo que mais se liga à globalização e que também o Fórum Covilhã tem presente. Para Jerónimo está relacionada com uma “omnipresença, isto é, a possibilidade de estar em todo o lado ao mesmo tempo”, sendo que

os dispositivos móveis vieram intensificar esta constante presença (Jerónimo, 2015, p. 53). Para Pavlik, a ubiquidade oferece conteúdos de acesso a todos os leitores, independentemente do local onde este se encontra, “todos podem não apenas acessar notícias e entretenimento, mas participar e fornecer sua própria contribuição com conteúdos para compartilhamento e distribuição global” (Pavlik, 2014, p. 160).

Este elemento encontra-se também unido à instantaneidade, mostrando Bradshaw que, atualmente com a publicação online, “um jornal local é também global, exceto no nome” (Bradshaw, 2015, p. 112). Ou seja, basta um acesso à internet para que o covilhanense, aceda ao jornal do outro lado do mundo. Em qualquer parte, a população que conheça o site do meio pode aceder-lhe. Esta característica assume-se, assim, de importante relevância, no que toca aos meios locais e regionais e até mesmo nacionais, especialmente para os emigrantes. Com um simples acesso ao dispositivo móvel o indivíduo aproxima-se da sua cidade natal, do seu país. Segundo a ERC, as publicações locais têm hoje em dia como principal público-alvo os emigrantes, sendo que o anterior papel dos meios impressos regionais “de ligação entre os emigrantes e o País de origem, de defesa da língua e da cultura maternas, é hoje desempenhado por esses novos suportes vocacionados para temáticas relacionadas com as regiões” (ERC, 2010, p. 106).

Em resumo, verificámos que o jornal Fórum Covilhã ainda pode melhorar ao nível do seu papel na web. Existem características do webjornalismo/ciberjornalismo que ainda se encontram em falta no website e Facebook, como é o caso da hipertextualidade e da multimedialidade, mas existem outras bastante evidentes como é o caso da memória e da instantaneidade. Importa, no entanto, salientar novamente que alguns destes elementos implicam muito tempo de dedicação ao online, o que numa redação reduzida como a do Fórum Covilhã é de difícil execução. Os jornais preferem dirigir os recursos para a edição do formato tradicional em vez de apostar no online, sendo que “canalizar jornalistas para online implica uma sangria de pessoal da edição impressa, podendo pôr em risco a sua normal publicação”, tratando-se aqui uma questão mais de sobrevivência do meio do que de uma fraca aposta no ciberjornalismo (Ribeiro, Pinto & Sousa, 2012, p. 174).

Tendo o jornal Fórum Covilhã sido criado no ano de 2011, a sua transformação no digital começou a ser feita no ano de 2016, tanto o website como na rede social Facebook.

Primeiramente o Facebook do jornal era uma página "normal", com um perfil de “amigos”, e mais tarde, ainda no mesmo ano, surgiu a página. Atualmente, 17. 716 pessoas têm o seu “gosto” nessa página e 18. 369 "seguem" a mesma.

Os números do Bareme Imprensa Crossmedia da Marktest de 2017 mostraram que 3 milhões e 73 mil portugueses “seguem páginas de jornais e/ou revistas pelo Facebook”. O número refere que 67.7% dos internautas com 15 e mais anos, residentes no Continente, têm o hábito de ler notícias nas redes sociais e utilizar o Facebook. De referir ainda que os mais jovens são os que mais seguem estes media via Facebook, sendo que 81.7% das respostas, entre os 15 e os 24 anos, apontaram que o faziam (Marktest, 2017).

Vítor Aleixo (2013) refere que, apesar de muitos se mostrarem contra o jornalismo online, apontando que este é o causador da descida das vendas de jornais impressos, o online tem também alguns elementos que podem ajudar o jornalismo. O autor aponta que, para além da mais rápida circulação noticiosa, a internet pode trazer um aumento das receitas da publicidade e uma subida do número de assinaturas, e neste caso, assinaturas online, onde “os leitores podem ler o jornal de forma mais cómoda” (Aleixo, 2013, p. 50).

Assim, o online não deve ser visto como o único problema do jornalismo e da queda nas vendas de jornais. Vítor Aleixo aponta que a inovação e a criatividade devem sempre ser tidas em conta para que o jornalismo impresso não perca leitores, que possa até ganhar novos adeptos e que a proximidade com a população continue a ser uma constante, explicando:

Para que as vendas continuem a ser uma realidade e o jornal mantenha o seu número de leitores, é necessário fazer um jornalismo de proximidade, onde se dê destaque às pessoas, aos seus problemas. É neste campo que se ganham leitores, é a ouvir as pessoas que se conquista espaço com as edições impressas. É nas reportagens sobre o quotidiano, sobre coletividades, clubes e ventos, tal como nas entrevistas, que se ganha um espaço dinâmico de intervenção (Aleixo, 2013, p. 50).

Tendo em conta esta ideia de manter uma continua aposta na proximidade, apontada por Aleixo, torna-se importante, neste capítulo que se foca no online, lembrar algo escrito por Jerónimo, em 2012, quando referiu o seguinte: “a (des)aproximação entre jornalistas e público parece ser uma consequência do ciberjornalismo praticado na imprensa regional”, uma vez que, apesar do online ter trazido uma facilidade na distribuição comunicativa, relativamente aos leitores ou fontes, e uma proximidade, por meio do carácter de aproximação do computador, afastou-os do contacto direto com as pessoas (Jerónimo, 2012, p. 27-28).

Isto aconteceu porque, na sua opinião, o ciberjornalismo contribuiu para um aumento do jornalismo feito à secretária, em frente ao computador, em vez do jornalismo de rua, do bloco na mão, um jornalismo de contacto direto com a população.

Este ponto é algo que desafia o jornalismo regional no âmbito do seu trabalho online: se no meio tradicional os jornais locais se importam com a proximidade, não devem deixar uma das características que mais os identificam longe, na sua produção online.

Como vimos, os problemas e desafios do ciberjornalismo regional ainda são vários, com a aposta ainda a ser algo tímida e sem um aproveitamento das potencialidades da web. O *shovelware*, isto é, a repetição noticiosa dos conteúdos do meio tradicional para o digital, que era traço marcante no início do ciberjornalismo, continua a ser uma realidade no jornalismo online praticado pela imprensa regional. O meio tradicional continua a sobrepor-se ao digital, sendo a internet mais um meio de pesquisa e de comunicação do próprio meio do que um meio de real produção de conteúdos (Jerónimo, 2015).

Para Canavilhas (2003), o maior obstáculo do webjornalismo/ciberjornalismo centra-se numa busca por uma “linguagem amiga” que imponha a webnotícia, uma notícia mais adaptada às exigências de um público que exige maior rigor e objetividade” (Canavilhas, 2003, p. 64).

Ribeiro, Pinto & Sousa (2012) apontam, contudo, que apesar dos recursos reduzidos, a imprensa local e regional pode melhorar a sua presença online recorrendo a aspetos que tanto a caracterizam, como é o conhecimento da “realidade local” e da “interação com os seus membros, uma vez que conhece como ninguém as dinâmicas locais” (Ribeiro, Pinto & Sousa, 2012, p. 182).

Em suma, ainda há muito caminho a ser percorrido nos meios regionais no digital. O Fórum Covilhã, como muitos meios locais e regionais pelo país, ainda não faz um verdadeiro ciberjornalismo. Contudo, talvez os próprios media não queiram mesmo dar assim tanta importância ao online. Tal como Aleixo (2013) referiu, o digital surge como “complemento às edições em papel”, mostrando a importância maior do meio tradicional sobre o online, e afirmando que, apesar de muitos vaticinarem o fim do jornal físico, na sua perspetiva, só continuando a praticar um jornalismo “onde o diálogo e a proximidade imperem” se poderá manter o jornal em papel por muitos anos (Aleixo, 2013, p. 51).

## Conclusão

Com a dificuldade em arranjar um estágio curricular, os planos iniciais tiveram de ser alterados. Depois de algum tempo sem respostas, numa época de pandemia, o estágio curricular no jornal Fórum Covilhã começou no final de janeiro. O estágio foi fundamental na definição do tema deste relatório. O jornalismo local e regional sempre teve um papel importante na região da Beira Interior e daí também ser o foco deste trabalho.

Com o estágio, foram-nos visíveis algumas questões relativas ao fator da proximidade, à importância da comunidade neste meio, às rotinas dos jornais regionais e ao papel que a imprensa regional tem no jornalismo online, entre outras.

Neste relatório, procurou-se, portanto, referir o jornalismo de proximidade que é feito nos meios regionais. Procurámos definir esse jornalismo, caracterizá-lo, perceber quais são as suas funções essenciais, os problemas e desafios que ainda enfrenta, os critérios de noticiabilidade que guiam a produção noticiosa, o papel do online no jornalismo e procurámos fazer uma abordagem aos elementos do ciberjornalismo. Em mente, tivemos sempre a tentativa de aplicar e identificar as questões identificadas ao jornal Fórum Covilhã.

Resumindo, vimos como, para os autores abordados, o jornalismo local e regional é feito tendo em conta um território, e é caracterizado por uma proximidade a uma comunidade específica. O território é um local onde acontecem trocas e partilhas entre jornalista e leitor/ a, tanto a nível dos saberes como a nível social (Correia, 1998; Camponez, 2002).

Existe, pois, no jornalismo de proximidade, uma partilha da vida em comunidade, uma familiaridade constante e uma intenção de informar a população regional, que por sua vez ajuda a sustentar o meio e fideliza-se a ele.

O jornalismo regional tem, assim, um grande vínculo à comunidade para a qual escreve e para a qual é útil, sendo também um meio que contribui para a identidade de uma região e para a manutenção e desenvolvimento da cultura e das tradições dessa mesma região.

Para além dos pontos positivos, existem outros que tornam o desenvolvimento do jornalismo local e regional complexo. A falta de profissionalização dos seus trabalhadores ou a fraco investimento na publicidade como referiram Correia (1998) e Sousa (2002), bem como uma crescente desvalorização da produção noticiosa, com uma predominância do *copy paste* e de um jornalismo longe da rua, contribuem para que, cada vez mais, se produza um jornalismo de secretária (Brinca, 2012; Jerónimo, 2015).

Com o advento da internet, este jornalismo tornou-se ainda mais marcado: o jornalista já não precisa de sair da redação, basta inteirar-se dos acontecimentos e informações pesquisando.

Contudo, o webjornalismo/ciberjornalismo trouxe a introdução de novos elementos ao mundo do jornalismo, adicionando características como a hipertextualidade, multimedialidade, interatividade, a memória, a instantaneidade, a personalização e na ubiquidade. No entanto, verificou-se que estes elementos não são desenvolvidos no jornalismo local e regional. Estes continuam a recorrer mais ao *shovelware*, em vez de produzir conteúdos novos e distintos dos apresentados no seu meio tradicional, como na nossa análise e experiência ficou demonstrado. No entanto, certamente que esta incapacidade de desenvolver um verdadeiro ciberjornalismo será explicada pela falta de recursos, tanto técnicos como humanos (Jerónimo, 2015) (Ribeiro, Pinto & Sousa, 2012).

Por outro lado, verificamos que, apesar da força da internet, que contribuiu para uma partilha constante de informação, o local, o particular e a proximidade continuam a ser fundamentais. Mais do que isso, diríamos que são esses aspetos que se mantêm determinantes na sobrevivência do meio. Por isso, será fundamental inovar, ir ao encontro dos desenvolvimentos tecnológicos, mas sem perder de vista os aspetos que, de facto, caracterizam o jornalismo regional. Em suma, o jornalismo de proximidade, tal como todos os outros meios, terá de ganhar cada vez mais leitores, para se manter sustentável e continuar a contribuir com um meio verdadeiramente informativo, precisa de continuar a ser feito para o público particularmente próximo da comunidade e da região onde está sediado sem, naturalmente, se alhear da situação nacional.

Perceber esses aspetos foi enriquecedor e, ainda que o estágio curricular não tenha decorrido numa época normal, foi importante para conhecer o jornalismo local e regional por dentro e perceber os problemas com que os jornalistas regionais lidam diariamente.

## BIBLIOGRAFIA/FONTES CONSULTADAS

- Aleixo, V. (2013). *Jornalismo Regional: O caso do jornal fórum Covilhã. Relatório de Estágio*, Universidade da Beira Interior.
- Amaral, V. (2012). A proximidade de uma imprensa regional à ideia de cidadania ativa. In Correia, J., *Ágora - Jornalismo de Proximidade: Limites, Desafios e Oportunidades*. Covilhã: Labcom Books.
- Assis, C. & Rangel, P. (2006). A importância do jornalismo regional: tendo como objeto de estudo o jornal *Correio Centro-oeste*. Disponível em [https://www.academia.edu/2058246/A\\_import%C3%A2ncia\\_do\\_jornalismo\\_regional\\_tendo\\_como\\_objeto\\_de\\_estudo\\_o\\_jornal\\_Correio\\_Centro-oeste](https://www.academia.edu/2058246/A_import%C3%A2ncia_do_jornalismo_regional_tendo_como_objeto_de_estudo_o_jornal_Correio_Centro-oeste). Acedido a 26 de agosto de 2021.
- Bastos, H. (2005). Ciberjornalismo e Narrativa Hipermedia. *Revista de Ciências e Tecnologias de Informação e Comunicação*, p. 3–13. Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/bastos-helder-ciberjornalismo-e-narrativa-hipermedia.pdf>. Acedido a 22 de outubro de 2021.
- Bastos, H. (2010). Da implementação à estagnação: os primeiros doze anos de ciberjornalismo em Portugal. Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/bastos-helder-da-implementacao-a-estagnacao.pdf>. Acedido a 22 de outubro de 2021.
- Brinca, P. (2012). Jornalismo de proximidade e participação. Por uma dieta equilibrada de informação, contra a fast-information. In Correia, J., *Ágora - Jornalismo de Proximidade: Limites, Desafios e Oportunidades*. Covilhã: Labcom Books.
- Camponez, C. (2002). *Jornalismo de Proximidade: rituais de comunicação na imprensa regional*. Coimbra: Minerva.
- Camponez, C. (2012). Jornalismo regional: proximidade e distâncias. Linhas de reflexão sobre uma ética da proximidade no jornalismo. In Correia, J., *Ágora - Jornalismo de Proximidade: Limites, Desafios e Oportunidades*. Covilhã: Labcom Books.
- Camponez, C., & Oliveira, M. (2021). Jornalismo em Contexto de Crise Sanitária: Representações da Profissão e Expectativas dos Jornalistas. *Comunicação E Sociedade*, 39, 251267. Disponível em [https://doi.org/10.17231/comsoc.39\(2021\).3178](https://doi.org/10.17231/comsoc.39(2021).3178). Acedido a 20 de setembro de 2021.
- Canavilhas, J. (2003). Webjornalismo. Considerações sobre jornalismo na web. In Fidalgo, A. & Serra, P., *Jornalismo Online*. Covilhã: Universidade da Beira Interior.
- Canavilhas, J. (2006). Do jornalismo online ao webjornalismo: formação para a mudança. Disponível em [https://www.researchgate.net/publication/312261244\\_Do\\_jornalismo\\_online\\_ao\\_webjornalismo\\_formacao\\_para\\_a\\_mudanca](https://www.researchgate.net/publication/312261244_Do_jornalismo_online_ao_webjornalismo_formacao_para_a_mudanca). Acedido a 20 de outubro de 2021.
- Canavilhas, J. (org.). (2014). Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença. Disponível em [https://www.labcom.ubi.pt/ficheiros/20141204-201404\\_webjornalismo\\_jcanavilhas.pdf](https://www.labcom.ubi.pt/ficheiros/20141204-201404_webjornalismo_jcanavilhas.pdf). Acedido a 24 de outubro de 2021.

Carvalho, J. R. (1996). Os media e os poderes locais. Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/carvalho-ricardo-Media-poder.pdf>. Acedido a 10 de outubro de 2021.

Correia, J. C. (1998). *Jornalismo e Espaço Público*. Covilhã: Universidade da Beira Interior.

Correia, J. C. (1998). A região e o espaço público: um contributo crítico. Biblioteca Online de Ciências da Comunicação, Universidade da Beira Interior. Disponível em [http://www.bocc.ubi.pt/pag/jcorreia\\_espaco.pdf](http://www.bocc.ubi.pt/pag/jcorreia_espaco.pdf). Acedido a 4 de outubro de 2021.

Correia, J. C. (2011). *O Admirável Mundo das Notícias: Teorias e Métodos*. Covilhã: Livros Labcom Books.

Decreto-Lei nº. 106/88 de 31 de março. Diário da República nº 76/88 – I Série. Lisboa: Presidência do Conselho de Ministros.

Dornelles, B. (2011). O localismo nos jornais do Interior. *Revista FAMECOS*, 17(3), 237-243. Disponível em <https://doi.org/10.15448/1980-3729.2010.3.8191>. Acedido a 24 de setembro de 2021.

Dornelles, B. (2012). O futuro dos jornais do interior. *Revista INTRATEXTOS*, 4(1): 21-36. Disponível em <https://doi.org/10.12957/intratextos.2012.2171>. Acedido a 28 de setembro de 2021.

Entidade Reguladora para a Comunicação. (2010). *Imprensa local e regional em Portugal*. Lisboa, ERC, 2010.

Galtung, J. & Ruge, M. H., (1993), A Estrutura do Noticiário Estrangeiro. In Nelson Traquina (Org.), *Jornalismo: questões, teorias e “estórias”*. Lisboa: Vega.

Ghizzoni, M. (2013). *Jornalismo regional como mediador social: uma análise de conteúdo*. Disponível em <http://revistas.ufpr.br/vernaculo/article/view/34438>. Consultado online a 20 de setembro de 2021.

Gradim, A. (2000). *Manual de Jornalismo*. Covilhã: Universidade da Beira Interior.

Grupo Marktest. (2021). Aumenta número de portugueses que leem notícias online. Disponível em <https://www.marktest.com/wap/a/n/id~27e4.aspx>. Consultado online a 2 de outubro de 2021.

Grupo Marktest. (2020). Crosspress: o dinamismo crossmedia da imprensa portuguesa. Disponível em <https://www.marktest.com/wap/a/n/id~268b.aspx>. Consultado online a 2 de outubro de 2021.

Grupo Marktest. (2017). 3 milhões seguem páginas de jornais e revistas através do Facebook. Disponível em <https://www.marktest.com/wap/a/n/id~2299.aspx>. Consultado online a 20 de outubro de 2021.

Jerónimo, P. (2012). Jornalistas e o jornalismo de proximidade. *Revista Jornalismo e Jornalistas*, nº 49 jan/mar 2012, 24-28.

Jerónimo, P. (2015). Ciberjornalismo de proximidade – Redações, jornalistas e notícias online. Covilhã: Livros LabCom.

Ribeiro, J. C. (2004). Da política ao debate: jornalismo regional e espaço público. Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/ribeiro-juliana-da-politica-ao-debate.pdf>. Acedido a 10 de outubro de 2021.

Ribeiro, L. T., Pinto, M. & Sousa, H. (2012). O digital na informação de proximidade: um desafio transversal. In Correia, J., Ágora - Jornalismo de Proximidade: limites, desafios e oportunidades. Covilhã: Labcom Books.

Silva, G. (2005). Para pensar critérios de noticiabilidade. Revista Estudos em Jornalismo e Mídia, 2 (1): 95-107. Disponível em <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/2091/1830>. Acedido a 11 de outubro de 2021.

Sousa, J. (2002). Comunicação regional e local na Europa Ocidental: Situação geral e os casos português e galego. Biblioteca Online de Ciências da Comunicação. Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-comunicacao-regional-na-europa-ocidental.html>. Acedido a 20 de julho de 2021.

Traquina, N. (2002). Jornalismo: o que é?. Lisboa: Quimera.

# **ANEXOS**



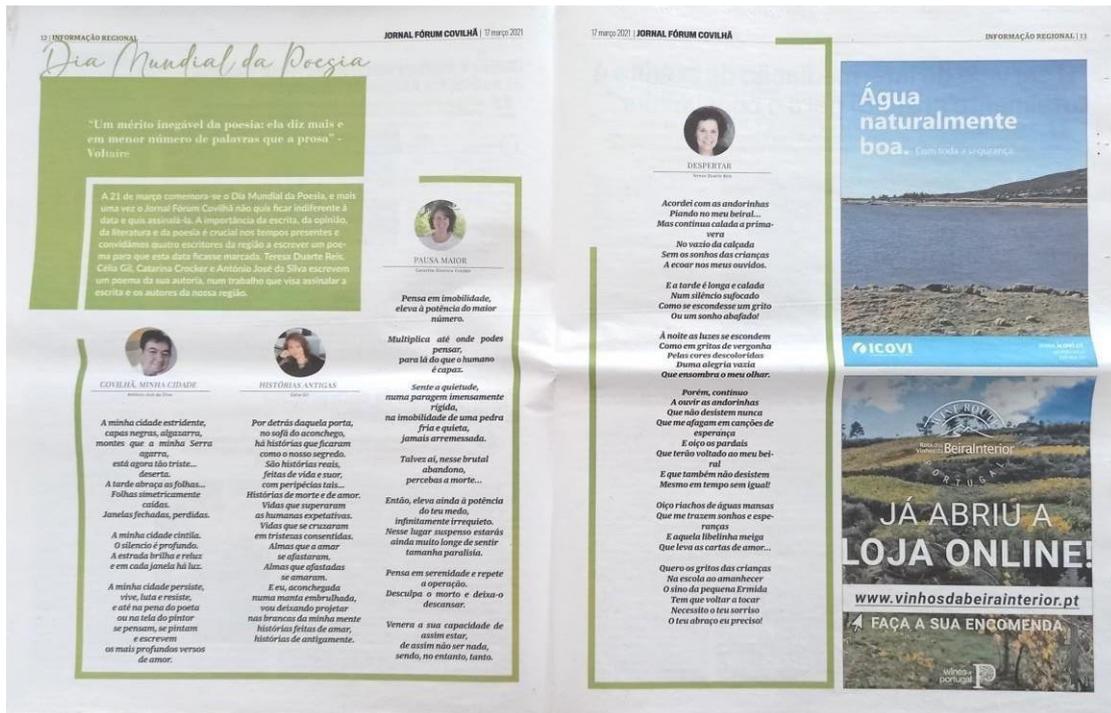


Figura 3 - Elemento sobre o Dia Mundial da Poesia (Edição nº 459).



Figura 4 - Rubrica "Consultório Médico" (Edição nº452).



**Figura 5** - "Última Hora" relativa ao SC Covilhã (Facebook Fórum Covilhã - 24 de outubro de 2021).